

MILITIA

ANO XVII - Maio/Jun. - 1964 - N.º 102

**Arma ligeira
tem favorita**

(Pág. 35)

**Ministro da
Guerra na FP**

(Pág. 68)



SUMÁRIO

EDITORIAL

Lei básica em compasso de espera	5
--	---

DIVERSOS

Júlio Marcondes Salgado — J. A. César Salgado	6
Os contatos franco-brasileiros — mj. Sérgio V. Monteiro . .	13
Entrevistas célebres	27
Saudação aos milicianos do Brasil — cel. Otávio Frota . .	28
Folego de Jacaré — P.M. Pereira	30
Superstições gramaticais — prof. Silveira Bueno	32

NOTICIÁRIO

Cel. Efraim deixa MILITIA	4
Arma ligeira tem favorita	35
Cavalarianos da FP	38
Pronto, sr. comandante!	49
Mais bombeiros e material apropriado	50
Punhos de policia feminina	52
Inezita canta	53
Mosteiro da Luz — cap. Reginaldo M. Miranda	54
CSCS perde seu sócio número 1	58
Na trilha heróica dos «abas-largas» — Sousa F. ^o e Valter Broda	60
Seringueiro flechado	64
Monumento ao apóstolo no Jaraguá	64
Hora da decisão: FP ergueuse como um só homem	66
Fala o comando	67
Ministro da Guerra na FP	68

SECÇÕES

Notícias das Co-irmãs (AL, CE, BA, DF, GB, ES, MA, MT, MG, PA, PR, PE, RJ, RN, RS, SE) — ten. cel. F. V. Fonseca	70
Direito (Deserção: crime sem pena) — ten. cel. Olavo A. de Andrade	80
Educação física e esportes (FP campeã, Cel. Pedro Dias tem busto, cavalarianos campeões, Esmeralda é madrinha) — ten. cel. Francisco Antônio Bianco Jr.	82
Publicações recebidas	87
Destaques da FP	88

HUMORISMO

Reformulação e simplificação — Astronauta Enemais Hum	94
---	----

NOSSOS REPRESENTANTES	96
---------------------------------	----

Fale de MILITIA

Sim, leitor, fale. Fale mal, se for o caso. Desabafe, mostrando as falhas da revista (são muitas, ein?). Conte do que não gostou e por que. Quem sabe se assim ela fica melhor. Mas, se possível, diga o que pensa, por escrito, em carta dirigida à

Redação de «Militia»

Rua Alfredo Maia, 106

São Paulo — SP.

Na pior das hipóteses, você contribuirá para encher nossa cesta de papéis.

Cel. Efraim deixa MILITIA

E FRAIM Bratfisch Lastebasse, coronel reformado da Força Pública e, até o último número, diretor geral de MILITIA, deixa agora o cargo que ocupava nesta revista. O cel. Efraim foi o responsável por várias de nossas edições, desde setembro de 1961. A crise institucional que se desencadeou em nosso país em fins de agosto e princípios de setembro daquele ano também afetou o órgão do Clube dos Oficiais, exigindo trabalho dobrado do corpo de redatores. Nossos representantes nas co-irmãs enviaram muito material inédito e, sob a direção do cel. Efraim, MILITIA veio a lume com as informações esperadas pelo público.

Mas, passada a crise, o trabalho continuou. E o diretor de então permaneceu em seu posto. Por sua iniciativa, novas publicações insertas em MILITIA provocaram polêmicas. Houve lutas e contratempos. A vida da revista periclitou por mais de uma vez. Mas continuou e continuará a ser editada. O cel. Efraim Bratfisch Lastebasse cumpriu sua missão. Agora deixa a direção da revista, mas sabemos que poderemos contar com ele quando for ne-



cessário. O diretor demissionário saberá cooperar desinteressadamente, como sempre fez, com o Clube dos Oficiais e sua revista que é órgão representativo dos interesses dos policiais militares de todo o Brasil.

Lei Básica em compasso de espera

TIRADENTES, patrono das milícias brasileiras, terá sua memória celebrada em 21 de abril. É mais um aniversário do sacrifício do alferes-símbolo da liberdade; o décimo depois do I Congresso Brasileiro das Polícias Militares, realizado em Campos do Jordão em 1954. São Vicente foi a cidade-sede do II Congresso, quando se aprovou o anteprojeto de Lei Básica das Polícias Militares, logo transformado em projeto, até hoje, em andamento. Assim é que depois de 10 anos, os policiais militares do Brasil comemoram o feito de seu patrono, sem ter uma definição de funções.

Como já salientamos em editoriais anteriores, a legislação federal vigente está desatualizada não mais satisfazendo os interesses nacionais. Não se trata apenas dos milicianos mas também — e principalmente — do povo, que quer uma garantia legal dos bons serviços que lhe podem prestar as PM. O Brasil de nossos dias, já bastante diverso daquele da década de 30, não mais comporta dispositivos imprecisos, que dificultam a eficiência dos serviços das corporações.

Polícia militar, por sua própria natureza, não se confunde com organizações civis. A realidade social lhe impõe funções específicas, que só ela está à altura de desempenhar a contento. Compete à União defini-las em lei.

A organização e a disciplina tipicamente militares das milícias estaduais, a formação técnico-profissional de seus componentes — distinguem-nas das demais corporações. A sólida hierarquia, a tropa que sai dos quartéis, os des-tacamentos — nada têm a ver com a organização civil.

É certo que, a par de missões típicas de polícia militar, como o controle da situação em distúrbios civis, as forças públicas dos Estados executam o policiamento feito também por outras instituições. É certo que seus componentes têm desempenhado funções administrativas de caráter civil.

Nada disso, porém, tira suas características próprias. Elas — só elas — estão inteiramente aptas a cumprir sua finalidade, que a lei federal deve definir claramente. Só às Polícias Militares, com a estrutura e a mobilidade que lhes são peculiares, deve caber a inteira responsabilidade dos serviços que executam. A legislação atual, por vezes, tem trazido dúvidas e dissabores aos que lutam pela manutenção da ordem. Mais dissabores prevêem-se ainda, tendo em vista a efervescência crescente do panorama político nacional.

As PM do Brasil estão prontas para enfrentar qualquer obstáculo daí decorrente. Mas é preciso que a lei o permita, delimitando a responsabilidade que lhes cabe na garantia da tranquilidade pública: planejamento, direção e execução das tarefas que lhes estão afetas.

Júlio Marcondes Salgado, o general de São Paulo (*)

J. A. Cesar Salgado

Naquela manhã sinistra de um sábado fatídico, aos 23 de julho de 1932, o destino se acumpliciou com os inimigos de São Paulo para nos ferir de morte: Júlio Marcondes Salgado, o bravo lidador da causa que nos empolgava, cai siderado por um estilhaço criminoso de morteiro, no campo de provas do Canindé. A seu lado, companheiro no sacrifício e na glória, jaz o capitão José Marcelino da Fonseca, mineiro de Santa Rita de Cássia.

A impiedosa notícia abateu-se sobre o povo, estarrecido, com o pêso de uma desgraça a pressagiar dias nefastos. E nas ruas, nos lares, nas trincheiras, nos quarteis, nas escolas, o coração dos paulistas cessou de pulsar, na síncope das grandes emoções.

"Ele foi atingido na carótida" — propagavam as gazetas e os rádios. Mas a impressão angustiada de todos os semblantes era a de que, naquela manhã crepuscular, São Paulo, igualmente, havia sido golpeado na carótida, e de que no sangue de Júlio Marcondes Salgado a esvaír-se, da ferida aberta pela mão dos fados inclementes, se esvaía, também, o sangue de nossa terra.

Por quê? — se perguntava; por que, no climax da luta, quando mais se fazia sentir a necessidade da presença do grande chefe militar, êle tomba num acidente incolor, e não como desejaria, à frente de seus cavalarianos, a espada rutilando ao sol dos trópicos, em carga vitoriosa contra o inimigo? Insondáveis designios do destino!...

Júlio Marcondes Salgado cumpriu, na hora exata, a missão do herói providencial de Carlyle. Sem êle, a revolução paulista de 32 estaria desfalcada de um dos valores humanos que mais a dignificaram. Tivemos, sem dúvida, naquela jornada redentora, o testemunho da permanência das virtudes ancestrais da raça, seja no soldado anônimo, capaz de lutar e morrer nos campos de batalha ou em personagens ilustres que souberam agir à altura da situação. Na política, na administração, nas letras, nas ciências, nas artes, na técnica, na indústria, no comércio, na lavoura; nos mais variados setores, o paulista de hoje revelou as qualidades que lhe marcam a personalidade. A galéria dos pró-homens da Revolução de 32 estaria incompleta sem um grande chefe militar paulista. E êste, nós o reconhecemos em Júlio Marcondes Salgado.

Dizem os irredutíveis negadores de nossa grandeza que somos infensos às armas. Tal asserto só pode ter o endosso da ignorância ou da má fé. A história brasileira, de todas as épocas aí está para desmentir tão leviana afirmativa.

A primeira organização de características militares, no Brasil, com os seus chefes, a sua tropa, a sua disciplina, as suas armas, a sua tática, nós vamos encontrá-la nas bandeiras paulistas.

Que se me permita citar o depoimento do inígne sociólogo fluminense Oliveira Viana, em "Populações Meridionais do Brasil" (vol. I, cap. V):

"O grupo marcial que cerca o caudilho bandeirante e que se move sob sua vontade, é um bloco monolítico, disciplinado à prussiana, de estrutura inabalável. Só o clã gaulês do tempo de César, ou a banda germânica da época das invasões apresenta uma organização análoga. Esse grupo é característico e privativamente paulista. Nenhum outro grupo regional, durante o nosso passado histórico, consegue elaborar uma arregimentação guerreira comparável à dos sertanistas de São Vicente e de São Paulo."

D. Luiz Antonio de Sousa, o Morgado de Mateus, governador da capitania de São Paulo, assim se expressa a El-Rei: "São os paulistas, segundo minha experiência grandes servidores de sua magestade. No seu real nome fazem tudo quanto se lhes ordena, expõem ao perigo a própria vida e gastam sem dificuldade tudo quanto têm e vão até o fim do mundo, sendo necessário. O seu coração é alto, grande e animoso, o seu juízo áspero e mal limado, mas de

um metal muito fino. São robustos, fortes e sadios e capazes de sofrer os mais intoleráveis trabalhos... Tomam com gosto o estado militar, oferecem-se para acometer o perigo e facilmente se armam e fardam à sua custa."

Quando o reduto dos Palmares, cidadela indomável dos escravos fugidos, no sertão das Alagoas, derrotava todas as expedições que pretenderam submetê-lo, foram os aguerridos esquadões dos mamelucos paulistas, comandados pelo impávido caudilho bandeirante, Domingos Jorge Velho, que conseguiram expugná-lo.

Na longa e cruenta Campanha Cisplatina, coube à Legião de São Paulo o fardo mais penoso, durante vinte anos de luta. A flor da mocidade paulista tombou heróicamente nos campos do sul, em cumprimento da missão que lhes foi imposta.

A Guarda de honra do príncipe d. Pedro era constituída, na sua quase totalidade, de moços paulistas. Só a cidade de Pindamonhangaba, berço de Júlio Marcondes Salgado, concorreu para essa tropa de elite com catorze de seus filhos. Foram eles que sob as ordens do cel. Manuel Marcondes de Oliveira Melo, outro pindamonhangabense, abateram suas espadas, em continência à liberdade, às margens do Ipiranga.

Nunca o soldado de Piratininga esteve omisso quando a pátria chamou por seus filhos, nos dias de perigo. Assim, foi na guerra do Paraguai, com o VII de Voluntários Paulistas, citado pelo generíssimo Bartolomeu Mitre, entre os corpos que mais se destacaram no sangrento entrevero da ilha da Rendição. Nem se esqueça a contribuição do

Corpo Policial Provisório de São Paulo, que, em 1867, seguiu, na totalidade de seu efetivo, para o campo da luta. Assim foi na revolta de Canudos, com o impávido cel. Moreira César, também de Pindamonhangaba, sacrificado em defesa da legalidade, e, depois, com o 1.º Batalhão de Infantaria da nossa modelar Força Pública, unidade que soube honrar as tradições de bravura da gente bandeirante, como o atesta Euclides da Cunha em "Os Sertões"; e, ainda em nossos dias, na II Grande Guerra, nas fileiras da Força Expedicionária, engajada em memoráveis combates, no solo da Itália.

Júlio Marcondes Salgado aprendeu nos fastos de sua terra — Pindamonhangaba, cidade de legenda imperial — a prezar os valores morais que dignificam o homem e engrandecem as nacionalidades. Ele teria, por certo, sentido naquele meio, algo de sutil e de imponderável a impregnar-lhe o espírito, como uma força envolvente, que vem do passado e perdura através dos tempos. Era toda a história de uma cidade pequena que se tornou grande pelas virtudes de seus filhos. E, na memória de Julio Marcondes Salgado, desfilaram as lembranças dos dias de fastígio da sua cidade, tão rica de feitos enaltecedores, tão ufana da urbanidade de seus homens e da graça de suas mulheres.

Não foi assim que a viu Emilio Zaular, nessa página de seu precioso livro "Peregrinação pela Província de São Paulo" — "A sessenta léguas pouco mais ou menos do Rio de Janeiro, seguindo a estrada de São Paulo em direção à capital desta provincia, e sete léguas adiante de Guaratinguetá, en-

contra-se sobre uma larga ondulação do terreno e como assentada no regaço de verdejantes campinas, a formosa cidade de Pindamonhangaba. O lugar para sede de uma povoação não podia ser melhor nem mais poeticamente escolhido. A natureza calma, mas opulenta, dessas imensas planícies, que se fecham no horizonte aos pés das duas grandes serras da Mantiqueira e Bocaina, tem um aspecto majestoso e, contemplada aos raios do sol poente ou ao reflexo pálido da lua, forma um painel arrebatador e sublime! O solo, como o oceano em calmaria, desenrola-se em ondas de verdura e, de vez em quando, no seio de suas dobras esmaltadas, alveja ao longe uma casinha pitoresca que a vista alcança a duas outras léguas de distância, e é uma fazenda isolada no êrmo, que sorri como uma mansão de paz e um asilo de felicidade. O firmamento arqueia-se puro sobre este painel encantador e, no horizonte immaculado, estampar-se o vulto irregular das serranias azuladas e transparentes como as colinas da Itália e as montanhas da Grécia. O poder das idéas que o sopro da civilização espalha nas asas do progresso tem germinado frutos abençoados nesta terra de predileção. Ao lado da pompa de uma natureza luxuriante, acelera-se o desenvolvimento material e brota como espontâneo o talento e gênio de seus filhos.

Seria curioso o estudo da influência que os lugares exercem, não digo já sobre a imaginação do homem, o que ninguém desconhece, mas ainda sobre a índole e caráter, sobre as suas tendên-

cias, e sôbre o seu empenho nas conquistas da matéria pela inteligência e espirito. Pindamonhangaba é uma das cidades do norte da província de São Paulo em que estes fatos se tornam, por assim dizer, visíveis e palpáveis."

Ao lado dessas influências do meio físico e social, atuaram, é evidente, na formação da personalidade de Júlio Marcondes Salgado, as origens raciais, os vínculos de sangue, que remontavam, por sua linha materna, à nobre estirpe dos Maricondi, da Sereníssima República de Veneza. Na mirífica cidade dos doges êle ia encontrar o seu sexto avô, Dionisio Maricondi e, entre outros ancestrais, dois "capitães do mar", o que importava em distinção das mais altas, numa terra que havia feito do oceano o palco de sua grandeza.

Um dia, aos 26 de junho de 1907, o jovem pindamonhangabense, atraído pela vocação das armas, assenta praça no Corpo de Cavalaria da nossa Fôrça Pública. Tinha êle pouco menos de vinte anos. Sua carreira na gloriosa milícia paulista, foi uma sucessão de êxitos conquistados tão só por seus méritos, pelo trabalho, pela disciplina e, sobretudo, por sua inexcedível compostura moral. Em 1924 era êle capitão quando irrompe em São Paulo uma sublevação militar contra as autoridades constituídas. A luta, a princípio desfavorável às fôrças legalistas, obrigou o govêrno do Estado a abandonar a capital. O cap. Júlio Marcondes Salgado não hesitou um momento. Êle sabia onde estava o seu dever. E empunhou a espada para o batismo de sangue que haveria de inscrever-lhe o nome nos registros do mais puro heroísmo

militar. Confiam-lhe as missões mais perigosas. A Estação Roosevelt, àquele tempo Estação do Norte, caíra na mão dos sediciosos. Era preciso retomar aquele reduto de onde os rebeldes, fortes em número e apetrechos bélicos, dominavam vasta área da cidade. A temerária tarefa é cometida a uma pequena tropa sob o comando de Júlio Marcondes Salgado. A desproporção entre as fôrças antagonicas era evidente. O bravo oficial, porém, não se intimida e vai ao assalto, embora consciente da inferioridade de seus recursos. Os primeiros postos inimigos cedem ao seu avanço. Do fortim improvisado replicam, sem intermitências, metralhadoras fartamente providas. Que poderia fazer o cap. Júlio Marcondes Salgado com a sua pequena tropa? Um passo mais seria o suicídio. E êle se viu na contingência de recuar, levando como troféus da refrega vários prisioneiros.

Se a coragem fôsse fator único da sorte das batalhas, os francêses não teriam sido aniquilados em Sedan: ter-lhe-iam bastado, para garantir o triunfo, as cargas olímpicas da cavalaria gaulesa, encurralada num círculo de fogo pelos setecentos canhões prussianos. Tão sublimes fôram êles, na sua portentosa arrancada ao encontro da morte, que o próprio rei Guilherme I, espectador da batalha das alturas de Fresnoy, não se conteve, e proferiu aquelas impressionantes palavras que poderiam servir de legenda ao monumento dos heróis: "Oh! 'es braves gens!"

Abandonada a cidade pelas fôrças governamentais, só dois focos de resistên-

cia continuavam a se opôr aos rebeldes: o 4.º Batalhão da Fôrça Pública e a Usina da Light, à Rua Paula Sousa, defendida por pequeno grupo de combatentes, às ordens do destimido cap. Joaquim Teixeira da Silva Braga. Urgia levar reforços aos heróicos milicianos, da Usina da Light, acoitados dia e noite pelos adversários exaustos de fadiga, escassos de alimentos e de munição, mas resistindo sempre às furiosas investidas dos assaltantes. Qual o homem para empresa tão arriscada? A ordem era varar as trincheiras inimigas, poderosamente artilhadas, e acudir aos sitiados, que teimavam em lutar, embora nos extremos limites da resistência.

O escolhido foi o Comandante Salgado. Deram-lhe doze homens, víveres, munição e... boa sorte! Era bem pouca gente para tarefa tamanha! Mas se a tropa era pequena, grande era o ânimo do chefe que a conduzia. Júlio Marcondes Salgado atira-se contra as linhas dos revoltosos, rompe-as sob a tempestade de uma fuzilaria sem tréguas e penetra na usina entre hurras! dos que ali, ansiosamente, o esperavam. O inimigo, pasmado ante a incrível proeza, recrudescer na fúria dos assaltos. O cerco aperta-se sempre mais. Chovem granadas sobre o baluarte inconquistável. É inútil: ali dentro há lutadores da têmpera de Marcondes Salgado e de Silva Braga.

Passam-se os dias. A situação dos sitiados torna-se insustentável. Faltam-lhes, de novo, víveres e munições. Até a água lhes foi cortada. Eles combatem um contra cem, contra duzentos. Nenhum código de honra militar poderia exigir-lhes a continuação do inútil sacrifício. Eles cessam fogo. E quando,

rôtos, trôpegos, esfaimados, deixam a usina, transfigurada em Alcácer da dignidade paulista, a tropa adversária, rendida à bravura dos vencidos, apresenta armas!

Em 1930, as instituições brasileiras foram abaladas pela eclosão de um movimento revolucionário, que se apresentava como legítimo intérprete dos anseios da nacionalidade, descrente dos métodos políticos que nos regiam. Não cabe, agora, elucidar as causas que propiciaram o êxito da rebelião. As consequências, sim: estas, nós paulistas as sentimos na carne, pois São Paulo era, no consenso dos pregoeiros da nova idéia, a Bastilha do regime que se devia destruir. A vitória da intentona outubrista quebrou violentamente o estílo de nossa vida. Tínhamos em nossa casa uma ordem preestabelecida. Não direi que ela fôsse isenta de mazelas, sobretudo no campo dos direitos políticos, onde a vontade do cidadão se via, muitas vêzes, burlada pela fraude eleitoral e pela prepotência do caciquismo. Era, contudo, uma ordem e os vícios que a desfiguravam seriam a seu tempo expungidos por nós mesmos, sem necessidade de alheias tutelas. Desfeitos em 30 os nossos cânones de vida, teve-se a impressão de que as águas de uma represa, contidas pelas paredes do dique, se precipitaram em caudal, destruindo, afundando, inundando, e trazendo na crista de suas ondas atropeladas, os detritos o restólho, a vasa, que as comoções telúricas fazem sobrenadar.

A imagem vale para a revolução de 30. E o pior é que o aluvião, jogado às margens pelas correntes sem rumo, ficou a corromper as nossas nascentes e a poluir a nossa atmosfera. Se a

revolução de 30 não foi, no idealismo de alguns de seus chefes e legionários, uma conjura contra São Paulo, ela deu ensanchas a que os emboabas de todos os tempos se aliassem contra nós, numa revivescência de ódios, de despeitos e de complexos que viam (e por que não dizê-lo? continuam vendo), em nossa grandeza a fonte das desgraças do Brasil.

"Delenda Carthago!", repetia Catão o Antigo, temeroso do poderio da belicosa republica africana, cujas tropas fizeram tremer as portas de Roma, na arrancada fulminante de Anibal. "Delenda São Paulo!", rosnam os que não têm consciência para julgar, nem coraçaõ para sentir nem olhos para ver; os obstinados, os obcecados, os impeder-nidos refratários a tôdas as evidências. São os convencidos de que para o Brasil progredir é necessário nivelar por baixo. São os que ficam vexados, quando erguem os olhos à cumiada de nossos arranha-céus.

A liturgia das religiões obedece a um ritual para a purificação dos templos profanados. Os povos só podem lavar com sangue o chão conspurcado da própria terra. E porque fomos invadidos, talados, espoliados; e porque se fêz de nossa casa a senzala dos brios paulistas; e porque se duvidou de nossa capacidade em revidar as afrontas, nós respondemos em 32.

Em 9 de Julho, nós reencontramos o bandeirante das jornadas épicas, e não tivemos pejo em lhe apertar a mão, e nos medir com êle e com êle marchar — saibam os zoilos de ontem e de hoje — por um Brasil maior e melhor. Em 9 de Julho, nós recobramos o direito de dizer a nós mesmos que éramos digno de nossos antepassados. Em 9

de Julho, foi mister exumar uma palavra, esquecida nos glossários, entre os termos em desuso: EPOPÉIA. Em 9 de Julho, pudemos perguntar, com justa ufania, ao soldado paulista e ouvir:

— De onde vens, ó jovem guerreiro?

— Eu venho das trincheiras abertas na epiderme sagrada da minha terra. Venho dos campos de Buri, dos alti-planos do Tunel, dos socavões de Eleutério. Ao apêlo angustioso da terra que me deu o ser, respondi como respondem os homens que não desertam a honra e a dignidade.

SÃO PAULO pediu os meus haveres, eu lhos dei, numa renúncia total dos bens e das riquezas, que a inteligência e a operosidade sabem crear.

SÃO PAULO pediu o meu sacrificio, e eu abandonei o meu lai, as criaturas queridas que, se não ficaram chorando por mim, era porque àquele tempo não havia lágrimas nos olhos das mulheres paulistas. SÃO PAULO pediu o meu gênio inventivo, o milagre das improvisações, e eu transformei as usinas em colmeias infatigáveis, onde o esforço, por vêzes anônimo, de cada um, operava prodígios de técnica, tirando do nada engenhos de rara perfeição. SÃO PAULO pediu o meu heroísmo, e eu escrevi com a ponta da minha espada, em noites zebreadas por clarões de epopéia, uma das páginas mais extraordinárias da história militar americana. SÃO PAULO pediu a minha vida, e eu bendisse a morte que me sagrou para a imortalidade "cavaleiro da ala dos namorados do ideal. Meus irmãos, ouvi! Eu sou o soldado da causa constitucionalista.

Em 32, quando São Paulo mobilizou para as tarefas da campanha constitucionalista não só os seus filhos, mas os brasileiros conscientes da justiça da nossa causa, um nome desde logo se impôs para o comando da Fôrça Pública: era o de Júlio Marcondes Salgado. Hoje, podemos dizer que, se àquele tempo, tôdas as escolhas para os postos civis e militares, de maior responsabilidade, houvessem acertado tanto quanto a do comandante da nossa milícia, outro, sem duvida, teria sido o desfecho da luta. Para os grandes momentos, grandes homens.

Júlio Marcondes Salgado soube ser grande em 32. Ele possuía, acima de tudo, a coragem moral que é o apanágio dos fortes. A fanfarronice tão característica dos individuos destituídos de valor real não se coadunava com o seu temperamento de homem polido. Além de cavaleiro exímio, laureado em torneios memoráveis, era êle perfeito cavaleiro.

A Fôrça Pública rudemente atingida pelo vendaval iconoclasta dos renovadores de 30. Se o lema era abater S. Paulo, como deixar ileso aquela corporação, que assegurava, não só, a garantia das instituições paulistas, mas fulgia como um dos florões mais caros do nosso patrimônio de povo civilizado? Aquele Fôrça Pública, leal, aguerrida e disciplinada, aquela tropa de escol que o povo aclamava, nos desfiles impecáveis, teria que ser rebaixada, mutilada, desfigurada. Todos os métodos foram bons para o trabalho de destruição da nossa milícia. Chegou-se mesmo a pensar em suprimi-la!

Se Jesus Cristo, o Filho de Deus, entre doze discipulos teve um que o traiu, não seria difícil à ditadura encontrar em São Paulo e mesmo nos quadros da Fôrça, alguns egressos do caminho da honra, que se esqueceram de seus deveres de cidadão e de militar, em troca de um prato de lentilhas, na mesa dos poderosos do momento. Foi dêsse estôfo a camarilha que se apropriou da Fôrça Pública para manejá-la a favor de suas ambições e contra São Paulo.

Avalie-se, pois, a obra ingente que estava reservada a Júlio Marcondes Salgado, no posto-chave que se lhe atribuiu, quando a nossa terra, num momento crucial de sua existência, se viu ameaçada por inimigos externos e internos. Revelaram-se, então, em toda a plenitude, as qualidades mestras daquele paulista que, em todos os momentos, soube ser fiel a São Paulo. E a Fôrça Pública ouviu-lhe a voz de comando. Naqueles dias, "tarjados de luto e coloridos de glória", ela soube ser digna do grande chefe que a Proviência lhe preservara.

Conta-se que Henrique III, ante o corpo inanimado do Duque de Guise, exclamou: "Morto, parece ainda maior do que vivo!"

Júlio Marcondes Salgado, General de São Paulo, nós aqui estamos, fiéis ao seu exemplo, fiéis à nossa terra, para lhe dizer nesta hora sombria de nossos destinos: "MORTO, PARECE AINDA MAIOR DO QUE VIVO!"

(*) Conferência proferida no Clube Piratininga, em São Paulo, aos 23 de julho de 1962.

O major Sérgio Vilela Monteiro da Fôrça Pública escreveu o ensaio publicado adiante, que mereceu os louvores de autoridades francesas, pela sua originalidade e pela contribuição que representa para o estudo e desenvolvimento das relações culturais franco-brasileiras. Mais ainda, o adido militar junto à Embaixada da França no Rio de Janeiro visitou o comandante geral da Fôrça Pública, para tratar do possível envio de oficiais da milícia àquêlê país, a fim de fazerem cursos de aperfeiçoamento. Tal fato é uma decorrência do trabalho do major Sérgio, já traduzido para o francês, por iniciativa de autoridades diplomáticas da França.

Sergio Vilela Monteiro, major da F. P.

escreve

Os contatos franco-brasileiro e a missão
francesa de instrução militar na Fôrça Pública
do Estado de S. Paulo

SUMÁRIO

- I — Introdução.
- II — Perpectiva histórica.
- III — Influência da cultura francesa no Brasil.
- IV — A Missão Francesa de Instrução Militar, na Fôrça Pública.
- V — Conclusões.

I — Introdução

O objetivo principal dêste trabalho é conduzir o leitor a compreender como um processo de interação social pode contribuir para estreitar os laços de amizade que unem dois povos.

Inicialmente, tentamos estabelecer uma perspectiva histórica, alinhando os contatos franco-brasileiros mais evidentes e que mais de perto gravaram, em nossa história, a presença da França. Sempre que possível, procuramos assinalar os traços culturais franceses incorporados ao patrimônio social brasileiro, modificando-o ou adaptando-se.

A seguir mencionamos algumas das condições sociais existentes na cidade de São Paulo, no início dêste século, ressaltando a necessidade de reestruturação de alguns serviços de utilidade pública a fim de melhor atender ao rápido surto econômico.

A Missão Francesa de Instrução Militar veio preencher uma daquelas lacunas preparando, através de um processo de assimilação, hábilmente imposto, os mantenedores da ordem e da tranquilidade públicas, do florescente Estado de São Paulo.

Finalmente concluímos, sugerindo uma colaboração franco-brasileira mais estreita, nos dias atuais, através de entendimentos diplomáticos.

II — Perspectiva histórica

As grandes navegações marcaram, de forma indelével o fim do século XV e o início do século XVI. O desconhecido atraía os interesses estatais e particulares. Sob o manto da exaltação religiosa, acotivavam-se negociantes, místicos, curiosos e uma infinidade de aventureiros.

Razões inúmeras permitiram a Portugal e Espanha o pioneirismo das grandes descobertas marítimas. A Europa achava-se exaurida pelas lutas políticas e religiosas, mas os ibéricos, essencialmente católicos romanos, contavam com o beneplácito papal para o "monopólio" dos mares. As terras — "a serem descobertas" — já se achavam divididas, mesmo que outros nelas tivessem estado.

A primeira notícia oficial da presença de franceses, em nossa terra, nos é dada por Tristão de Alencar Araripe — "Primeiro Navio Francês no Brasil" — que fala no navio "Espoir", saído de Honfleur a 24 de junho de 1503 sob o comando de Binot Paulmier de Genneville. (1)

"Os franceses, foram os mais desafortunados e tenazes, desde 1503, no reconhecimento da terra de Santa Cruz." (2) Organizaram grandes empresas na Normandia, incluindo navios, armas, utensílios e homens. Na costa do Brasil chegaram a construir armazéns, casas, capelas e até pequenos fortes. Em Pôrto Seguro organizaram uma feitoria junto com os castelhanos. Em Cabo Frio construíram um fortim conhecido pelo nome de Casa de Pedra.

É conhecida a história de uma festa original, celebrada em Rouen (1551), em honra dos reis de França (Henrique II e Catarina de Medicis), na qual figuraram 50 índios do Brasil. "Os franceses sabiam captar a confiança dos índios e viver com êles em perfeita harmonia..." (3) Graças a isso, vendiam a bom preço, na Europa, o pau brasil, as frutas, peles, animais, artefatos etc. Alguns fizeram o tráfico de escravos índios, aliás feito também pelos portugueses que, em carta régia de 28 de setembro de 1532, autorizavam inclusive, marcar os silvicultoras a ferro e vendê-los com isenção de siza. Eles não eram os únicos nas trocas com os naturais, mas eram os que maior vantagem levaram, pelos bons contatos que souberam estabelecer. Especialmente em Itamaracá (segundo Gandavo e Gabriel Soares) viveram como gentios, deixando inúmeros descendentes "loiros, alvos e sardos, e havidos por índios tupinambás." (4)

Segundo se lê na "Enformação" (documento de 1584, atribuído a Anchieta) foi "em 1504 que vieram os franceses ao Brasil, pela primeira vez, ao pôrto da Bahia e entraram no rio Paraguassu... somente muito mais tarde (talvez em 1557) é que chegaram com Ville-gaignon".

Embora nos pareçam contraditórios, em alguns pontos, êsses depoimentos, não pode pairar dúvidas que os gauleses participaram dos primeiros momentos da nova terra e assinalaram de maneira notável os seus contatos. (5)

O imenso litoral do Brasil, a abundância de seus recursos naturais e a facilidade de exploração imediata, aliados a uma mentalidade "flibusteira" dos navegantes das diversas nações européias, fizeram da nova terra, o palco de lutas armadas, saques e apresamento de naus. Jean Ango foi um grande armador francês que chegou habilmente, a obrigar D. João III a fazer um acôrdo com Francisco I para estabelecer um tribunal misto de prêsas marítimas. Em alguns pontos da costa estabeleceram-se feitorias comuns mas em outros as lutas andaram acesas.

Em 1530 zarpuu de Marselha a nau "La Pelerine" que veio estabelecer, em Pernambuco, uma pequena feitoria. Com o regresso da nau permaneceu chefiando os franceses mr. La Motte, mais tarde forçado a abandonar a empresa, devido a um ataque de Pero Lopes. Os portugueses sentiam na presença dos franceses um impecilho ao seu comércio e à sua colonização, mas o primeiro governador geral do Brasil — Tomé de Sousa — não obteve junto ao govêrno da metropole, os meios para expulsá-los (6).

Um estabelecimento sistemático dos franceses sômente ocorreu com Villegaignon, na baía da Guanabara. Paulo Gaffarel em sua. "Histôire du Brésil Francais" fala em Nicolas Durand de Villegaignon como sendo soldado, marinheiro, diplomata, historiador, controversista projetista, erudito e filósofo. Nascido em Provins, em 1510, pertenceu à ordem de São João de Jerusalém, lutou contra o sultão de Argel, contra

os turcos na Hungria e foi nomeado vice-almirante da Bretanha, por haver transportado Maria Stuart da Escócia para a França. De tôdas essas proezas deixou escritos notáveis. Ao inteirar-se das belezas da Guanabara pretendeu edificar aqui o "refúgio para os fiéis perseguidos da Europa". Tendo convencido Coligny e os huguenotes, cativou também o cardeal de Lorena, mostrando-se ora católico ora protestante. Após inúmeras providências fez-se ao mar, em julho de 1555, partindo do Havre, com cêrca de 600 homens, dois navios e um barco transporte. Uma tempestade, porém, jogou-o à costa, em Dièppe. Os supersticiosos viram nisso um mau preságio e abandonaram-no com 80 homens, justamente os piores que encontrara nas prisões de Paris e Rouen. Enfrentando lutas, calmarias, escorbuto e tôdas as adversidades, Villegaignon chegou à Guanabara, a 10 de novembro de 1555, e estabeleceu-se na Ilha de Serigipe (atual Villegaignon — Escola Naval) construindo o forte Coligny.

Rocha Pombo (7) observa que os franceses tiveram contatos mais humanos com os índios do que os próprios portugueses. Entretanto Villegaignon não teve a habilidade de seus compatriotas. Foi de um rigor excessivo para com seus comandados e quis impôr aos naturais uma disciplina templária. Além disso cometeu erros fundamentais num sistema de colonização, tais como:

a) — trouxe apenas 5 mulheres que logo se casaram e fôram para o continente;

b) — trouxe mobília e livros em quantidade, ao invés de sementes e artefatos de exploração da terra; e

c) — impôs a castidade aos seus homens, punindo severamente qualquer contato com as índias.

Dessa forma é fácil de se imaginar que seu sistema não passava de uma prisão ou um convento de frades. Os índios, por sua vez, percebendo a desarmonia entre os brancos, fôram-se afastando e os ilhéus, sem provisões, ficaram em difícil situação. Gaffarel comenta (8) que se Villegaignon soubesse aproveitar a hospitalidade dos nativos e a preferência das mulheres índias pelos franceses teria verdadeiramente fundado a sonhada França Antártica e feito surgir a "raça franco-brasileira". A tradição francesa, imprimida aos nativos, era assim destruída por um homem só.

No velho mundo, entretanto, renasciam as esperanças e uma nova expedição partiu de Honfleur a 19 de novembro de 1556 sob o comando de Bois-Le-Comte e chefia religiosa de Dupont de Corguilleray Chartier e o noviço Jean Lery (mais tarde excelente cronista histórico). A essas alturas a situação do forte era insustentável. A chegada dos novos patrícios veio apenas estabelecer uma trégua, para logo depois reascender tremenda discórdia, agravada por motivos religiosos. Dupont desligou-se de Villegaignon e da vida opressa da fortaleza, indo para a praia da Olaria (Briqueterie), de onde voltou desiludido para a França, em 4 de janeiro de 1558. Vendose frustrado, Villegaignon voltou para a Europa, onde continuou sua agitada vida

de lutas religiosas, ora com a espada, ora com os livros na mão.

Valendo-se da oportunidade, Men de Sá atacou e desalojou os franceses do forte Coligny. Não temos receio em afirmar que, se foi difícil aos portugueses expulsá-los da Guanabara, teria sido impossível vencê-los, caso tivessem eles, em Villegaignon, um colonizador, ao invés de tudo que êle foi.

Tendo-se espalhado pelo continente, alguns franceses incitaram os nativos que chegaram a ameaçar São Paulo, na célebre Confederação dos Tamoios. Outros fundaram os fortes de Uruçumirim e Paranapiquí, mais tarde tomados por Estácio de Sá, em 1567.

No norte também foi intensa a penetração francesa. Jacques Riffault conseguiu estabelecer-se na ilha Grande e aliar-se aos Tupinambás. Mais tarde voltou à França e convenceu o rei a mandar Daniel de La Tousche, senhor de La Ravardière para colonizar a terra. Assim, após inúmeras peripécias, chegou a São Luis, no mês de agosto de 1612, para fundar a França Equinocial. No dizer de Antônio de Godoi (9) "os franceses instalaram-se com grande habilidade e meios de êxito". Entretanto, mais uma vez o destino lhes foi adverso. Jerônimo de Albuquerque e Diogo de Campos Moreno reuniram grande número de homens e armas e forçaram La Ravardière a capitular. Com grande habilidade diplomática os franceses assinaram um armistício a ser arbitrado na Europa. Enquanto isso estabeleceu-se franca camaradagem entre as colônias. Como demorava a solução das côrtes de Portugal e França, Albuquerque rompeu o acôrdo e atacou os franceses. Vencido,

mais uma vez, La Ravardière regressou para a França, deixando aqui, vários patrícios que já haviam constituído família, aliás, a maior parte deles. Os franceses fôram muito úteis, contribuindo com informações sôbre a terra e auxiliando com seus meios na colonização

Fôram ainda os gauleses que exploraram pela primeira vez o rio Oyapoc e as Guianas. Em 1614 organizaram, em Rouen, uma empresa para êsse fim. Luis XIII concedeu à Companhia de "La France Equinoxiale" o privilégio do comércio. Tudo ia bem até o momento em que os colonizadores tomaram partido numa luta entre os índios caraiabas e galibis e saíram perdendo.

Em 1643 houve uma nova tentativa de colonização que também fracassou devido à crueldade do chefe — Poncet de Brétigny. Um terceiro estabelecimento não vingou ainda, devido a desavenças entre dois chefes militares. O verdadeiro fundador do domínio francês em Caiena foi Le Ferre de La Barre (1664), que mandou Ferroles atacar o forte de Macapá.

As lutas entre os novos colonizadores e os donos da terra só tiveram armistício em 1900, quando Rio Branco e Bilhouard firmaram um tratado em nome dos dois países.

Finalmente, os últimos contatos franco-brasileiros que ainda tiveram um caráter bélico, ocorreram ao tempo de Napoleão. No dia 30 de dezembro de 1807 entrou em Lisbôa, sob o comando do general Junot, um exército de

26000 homens. Na véspera, zarpara para o Brasil tôda a côrte portuguesa. Em fevereiro de 1809, a mandado de D. João VI, uma tropa sob o comando do cel. Marques de Sousa atacou e tomou posse da Guiana Francesa. Esse oficial soube cativar os franceses e administrou a Guiana com justiça, bondade e aceitação geral. Succedeu-o no govêrno o desembargador João Severino Maciel, brasileiro de Minas Gerais, que igualmente fez uma sábia administração. (10)

De todos êsses fatos, a história não nos nega o direito de induzir que, se os contatos estabelecidos não levaram à almejada "raça franco-brasileiro", no menos permitiram um processo de interação salutar, mais tarde cristalizado, num elevado sentimento ideológico comum. Não houvessem tido os franceses a desunião das lutas politico-religiosas e por certo o Brasil seria hoje o Canadá sul-americano.

III — Influência da cultura francesa no Brasil

Ao retirar-se a côrte portuguesa do Brasil, em 1821, verificou-se que estava tudo por fazer, em matéria de ensino popular. (11)

As guerras externas, principalmente a do Paraguai, retardaram de uns 20 anos a larga eclosão que, a partir de 1870, se processou no campo da cultura geral. Na carência de uma cultura própria, o Brasil seguiu de perto os grandes mestres franceses.

"É a França que tem, mesmo desde muito antes de 1870, e ainda tem, uma preponderância decisiva na orientação da nossa cultura. Para isso concorria, naturalmente, antes de tudo, a circunstância de ser a língua francesa mais conhecida entre nós, do que qualquer outra da Europa. Já naqueles tempos, entre a classe intruída, era desdouro, não saber francês. Nas academias, só se estudava, em regra, por livros franceses, ou de autores outros, traduzidos para o francês." (12)

Quando se fazia uma citação em inglês ou alemão era considerado pedantismo. A tal ponto foi poderosa essa penetração que nossos literatos esboçaram um movimento chamado "indianismo", no qual, através da exaltação do silvícola e do sertão, procurava-se imprimir um exagerado nacionalismo. Finda essa reação surgiu o romantismo, mais uma vez inspirado no modelo francês. Emílio Zola imperou na literatura brasileira e teve em Aluísio Azevedo seu digno discípulo.

"A influência da literatura francesa sobre nossa língua foi tão extensa que não faltou entre nós quem sentisse ser o nosso pensamento uma quase tradução do pensamento francês." (13) Aliás, os ideais republicanos e liberais da França, transmitidos aos jovens brasileiros que lá estiveram em estudos, alimentaram vivamente o sentimento nativista chegando a provocar movimentos revolucionários. Em Montpellier estudaram José Joaquim da Maia, Domingos Vidal Barbosa, José Mariano Leal, José Pereira Ribeiro e outros, que foram alguns dos inspiradores da Inconfidência Mineira.

Não só os movimentos sócio-político-econômicos e culturais de França encontravam no Brasil ampla e assimiladora receptividade, como também as evoluções brasileiras no censo mundial eram prontamente aceitas pelos franceses. Assim foi o reconhecimento da nossa independência, a solução da questão com a Guiana e o acatamento da República, fatos que constituíram verdadeira vitória diplomática para ambos os países. O carinho com que nossos patrícios eram recebidos em Paris constitui igualmente um testemunho eloquente da amizade franco-brasileira.

D. Pedro II, quando esteve em Paris pela segunda vez, rompeu com a severa etiqueta de Luiz XIV e foi visitar Victor Hugo. Ao sentar-se ao lado do ilustre escritor, disse: "cuido pela primeira vez que estou num trono. Esse grande vulto viveu seus últimos dias em Paris, tendo falecido no Hotel Bedford, às 00,30 horas do dia 5 de dezembro de 1891. As ruas Pasquier e L'Ardade ficaram repletas de parisienses que vieram prestar sua homenagem de republicanos ao mais democrata dos imperadores. O presidente Carnot, ausente de Paris, ordenou que seu Estado Maior, nas pessoas do gen. Brugère, alm. Taureguiberry, cel. Chamoin e Dalstein fossem apresentar à Princesa Isabel os pêsames da França. Os jornais de Paris não pouparam encômios aos ilustres brasileiro. "Le journal de Débats" inseriu: "D. Pedro veio encontrar de novo, em França, o meio hospitaleiro que recebera aqui, em dias melhores." "Le Figaro" — "as tristezas do auxilio tornaram essa magestade

duas vèzes sagrada para nós". "Le jour" — "Ele havia conquistado em França uma popularidade real." (14)

"Já em 1895 era São Paulo uma cidade essencialmente cosmopolita. De seus 130000 habitantes, 71000 eram estrangeiros ... 1100 franceses." (15) Nessa ocasião, o maior número de imigrantes era de italianos, que já contribuíam com vários traços culturais em seu novo meio. Entretanto a cultura literária e filosófica ainda se aprimorava nos exemplos franceses.

"A invasão de estrangeiros e de costumes de fora, na década de 1870, observou Richard N. Morse, foi facilitada por muitos fatores de ordem econômica e tecnológica, entre os quais, a riqueza do café e os transportes regulares por mar e terra... entretanto é o padrão mental, psicologicamente preparado, que facilitou mais a penetração da cultura européia." (16) D'Atri, em 1896, dizia que o vaim dos paulistas à capital da França, as relações comerciais e financeiras com esse país, a própria tendência ao gosto francês no vestir, no comer, na educação física e um bocado também na moral, fazia de São Paulo um pedaço de Paris. (17)

O café, que condicionou o desenvolvimento da província, teve em São Paulo sua grande metrópole. Os fazendeiros enriquecidos com esse produto refluíram para a cidade. "Para quem viera de Ouro Preto — observou Caldeira Brant, em suas "Memórias de um Estudante" — aquilo era um Paris em ponto pequeno." (18) Os jornalistas franceses Max Leclerc e Gaffre compararam São Paulo a Nova York e Paris, pela opulência de seus palacetes e largueza de suas aventuras. Bertal-

leri reparava, em 1914, que a cidade se espalhara tanto com seus 500000 habitantes, a ponto de ocupar uma área tão grande como a de Paris. (19)

Monteiro Lobato chamou de "carnaval arquitetônico" àquele gosto hizarro e sófrego de construir, nos anos de 1872 a 1918. As reformas municipais e particulares foram impiedosas, não perdoando sequer as igrejas históricas São Paulo tornava-se um adolescente estabonado. Em 1901 tem-se notícia de dois primeiros automóveis em São Paulo, aumentando a "barulheira infernal" dos bondes puchados a burro. Nessa época começou também a era dos viadutos. E por sinal foi o francês Jules Martin quem em 1879, ofereceu à câmara o projeto do viaduto do Chá concluído mais tarde, em 1892.

A partir de 1900 houve um grande impulso fabril e um conseqüente aumento da população. Construiu-se por toda parte e aumentaram as vias férreas. Novos imigrantes, novos ricos, um comércio turbilhante, levaram a sociedade paulistana a expandir-se nas artes, nos esportes e nas ciências em geral. Foram criadas a Escola Politécnica, o Mackenzie e a Escola Normal. No início deste século surgiu a Faculdade de Medicina e a de Comércio. Organizaram-se bibliotecas, o Museu Paulista, o Observatório Astronômico e o Instituto Histórico e Geográfico.

Esse foi o São Paulo do café, o São Paulo de uma aristocracia territorial, cheia de gente que tanto pensava nas colheitas de café da sua fazenda, como no "Moulin Rouge" de Paris". Nesse torvelinho de progresso, o comércio de modas, os perfumistas e cabelereiros célebres achavam-se nas mãos dos

franceses. As denominações francesas da rua Imperatriz eram as mais frequentes: "Au Figaro Parisien", "La Grand Duchesse", "Notre Dame de Paris", "Au Palais Royal", "Au Palais Royal" "Au Louvre", "Au Printemps" etc. Ali bebia-se anizete, champagne, vinhos da Borgonha e comiam-se os célebres queijos da França. Usavam-se os perfumes "Gloire de Paris", "Roget Gallet", "La Rose France", e compravam-se milhares de bijuterias. A juventude lia Victor Hugo, Emilio Zola, Alexandre Dumas e tantos outros. Nos teatros assistia-se a Bizet, Gounod Molière e Racine, e Rousseau, os juristas lembravam Montesquieu e os poetas e romancistas preferiam Lamartine, Musset, Bernardin de Saint Pierre, Bourget e Renant.

Júlio Verne sempre foi leitura obrigatória. As "Vinte Mil Léguas Submarinas", "Cinco Semanas em Balão", "A Volta ao Mundo em Oitenta Dias", inspiraram Santos Dumont, levando-o a Paris berço e centro da moderna civilização. O piloto número um, o pai da aviação, no dizer do primeiro aeroclube do mundo (o de Paris) fez seus experimentos na cidade-luz, desfaldando em seus "Dumont" a bandeira bra-

sileira, num simbolo de "Egalité-Fraternité". No dia 19 de outubro de 1901, "Le Petit Santô", "Le Petit Brésillen" como o chamavam carinhosamente os franceses, ganhava o prêmio "Deutsch" contornando a torre Eiffel no Dumont n.º 6, no prazo de 29 minutos e 30 segundos. O Bandeirante dos Ares, no dizer de Tomas Edson, progrediu sob os auspícios da França e assim a 23 de outubro de 1906 realizou o celebre vôo de 60 metros confirmando a possibilidade do homem voar. Um mês depois realizou o célebre vôo de 220 metros estabelecendo o primeiro recorde de aviação, no mundo. Anos mais tarde, a França erguia-lhe, em vida, um monumento no Campo de Bagatelle, com os dizeres: "Aqui a 12 de novembro de 1906, sob o controle do aeroclube de França, Santos Dumont estabeleceu os primeiros records de aviação do mundo. Duração 21 segundos e 1/5. Distância 220 metros".

Enquanto esses fatos ocorriam, assinando o início do século da tecnologia, o florescente Estado de São Paulo preocupava seus administradores. A máquina estatal não conseguia acompanhar a avalanche do progresso. Mesmo assim, os primeiros governadores republicanos envidaram esforços no sentido de realizar obra duradoura.

IV — A missão francesa de instrução militar, na Força Pública

Ao tempo do primeiro governador, Prudente de Moraes, várias necessidades sociais foram legisladas. (20)

Criou-se a superintendência das obras públicas, regulou-se a administração municipal, reformou-se a Escola Normal, expediram-se diversos regulamentos e fixaram-se novos efetivos policiais. O segundo governador, Jorge Tibiriçá,

preocupou-se com o abastecimento de água, convocou o primeiro congresso, publicou a primeira constituição e aumentou igualmente efetivos policiais.

De 1827 a 1896 o Estado de São Paulo recebeu cerca de 700500 imigrantes (oficialmente) e provavelmente outros não registrados. Evidentemente urgia um aperfeiçoamento da má-

quina policial, mesmo porque era a polícia fardada que completava os efetivos do Exército quando qualquer movimento ameaçava os alicerces ainda frágeis da República. "Canudos" foi uma dessas campanhas que, embora não tivessem conteúdo monárquico, preocupou a República e absorveu grandes efetivos militares, inclusive o 1.º Batalhão da Força Pública do Estado de São Paulo. O Governador Bernardino de Campos fez promulgar e executar a lei de reorganização da Força Pública que viera de enfrentar, em Santos, a revolta da armada.

Porém, foi no segundo governo de Jorge Tibiriçá que várias iniciativas de vulto foram levadas a efeito e, dentre elas, a vinda da Missão Francesa de Instrução Militar para instruir a Força Pública do Estado de São Paulo. Jorge Tibiriçá nasceu em Paris e fez seus estudos em Zurique. Foi governador do Estado nomeado pela República e depois presidente eleito para 1904/1908. Como bom brasileiro que foi, nunca se descuidou de suas elevadas atribuições de supremo mandatário do Estado, e, assim, a 14 de julho de 1907, enviou ao Congresso Estadual a seguinte mensagem: "A Força Pública do Estado tem merecido especial cuidado do atual governo. Com o fim de ministrarlhe sólida e proveitosa instrução militar e incutir-lhe o indispensável sentimento de disciplina, bases para a boa política, foi feito contrato com a França, que, para aquêle fim, nos enviou distintos membros do seu glorioso Exército. Com um zêlo, com uma dedi-

cação, com um amor mesmo, que nos enaltece e que engrandece, a França, o cel. BALAGNY e seus auxiliares, têm realizado a sua tarefa transformando as nossas praças em garbosos soldados e mostrando assim o que o trabalho e a competência podem ensinar, quando encontram o concurso dos que querem aprender. Os oficiais e praças da Força Pública têm sabido corresponder ao querer dos jovens e aos esforços dos instrutores franceses". (21)

O presidente Albuquerque Lins assim se expressou em sua primeira mensagem no ano de 1908: "A Força Pública, devido à dedicação de seus membros e à competência dos instrutores franceses, passou por uma transformação completa, que tanto a tem distinguido." (22) Todos os presidentes, sem exceção, fizeram referências elogiosas aos oficiais franceses. No governo Altino Arantes foi solicitado o retorno da Missão Francesa, afastada devido à guerra 14-18.

Porém, nem tudo foram louros para os insígnies mestres franceses e aí reside um de seus maiores méritos. "Técnicos militares, de reputação firmada, insurgiram-se contra a intromissão de estrangeiros na instrução da tropa paulista, alegando falta de patriotismo e inconstitucionalidade". (23) Lançado o estopim jacobino os jornais fizeram cântico, afirmando que, para os misteres usuais de meter relapsos no xadrês, não era necessário oficiais de Saint-Cyr ou Saumur. As seções de humorismo dos jornais paulistanos estampavam versinhos jocosos:

"Que regalo! Que delícia!
 Vai ser cousa de escachar
 Ver entrar nossa polícia
 Nessa instrução de além-mar!
 Position... tireur débout!
 Position... tireur genoux!
 Ail! Que cousa de encantar
 Ver depois disto a polícia
 Dessas vozes sem pescar
 Patavina! Que arrelia!
 Falar o francês é chic
 N'um quartel como o daqui,
 Pois o soldado com tic
 Deve dizer: — Bien merci."

Obstinada e calmamente, iniciaram seus misteres o ten-*cel* Raul Negrel, o cap. André Honeix de La Brousse, e o cap. Statt Müller, sob o comando do *cel.* Paul Balagny. Pouco tempo depois emudeceram os criticos mordazes para dar lugar a elogios judiciosos. "Há uma uniformidade, uma presteza, uma segurança de movimentos, em todos os atos da Fôrça Policial Paulista, que não podemos deixar de admirar, de entusiasmar mesmo. A disciplina de marcha põe logo em alto destaque a Fôrça criteriosamente preparada pelo ilustre comandante Baligny". (24)

No ano de 1907, por proposta da Missão Francesa, funda-se "para a Fôrça Pública do Estado de São Paulo uma sala de armas". (25) Três anos depois, a 9 de março de 1910, foi criado oficialmente o Curso de Esgrima e Ginástica. Seu primeiro comandante e diretor foi o cap. Delfim Balancier, insigne mestre de armas diplomado pela Escola Joinville Le Pont. Em 1914

foi criada junto à Escola, a secção de jiu-jitsu que teve como organizador e primeiro comandante, o cap. Adrien Del Bosse e sucessor o cap. Louis Lemaitre.

Nesse mesmo ano, em agosto, regressaram à França os pioneiros da esgrima, jiu-jitsu, da ginástica sueca e da educação física em geral, para defender a mãe pátria nos campos do Marne e Verdun. A semente caíra em terreno fértil. A Escola de Educação Física da Fôrça Pública celebrou seu jubileu de ouro, apresentando-se à sociedade brasileira como um estabelecimento que diploma instrutores de nível universitário. De suas classes saíram grandes mestres que souberam honrar as tradições do passado, preparando gerações, publicando trabalhos e defendendo teses em conclaves internacionais. O atual ginásio da escola recebeu o nome de Delfim Balancier, numa justa homenagem ao herói tombado no campo de batalha, em 1917. Mas o trabalho da missão não constou somente em instruir a tropa. Foi muito mais além. Num ambiente de sadia camaradagem, de "esprit de corps" preparou os oficiais brasileiros, firmou doutrina e marcou definitivamente uma época. Eram as glorias das lutas passadas que se encontravam na encruzilhada do destino, com o aprimoramento da técnica.

Os oficiais franceses organizaram vários regulamentos que serviram de base à completa remodelação da Fôrça Pública, tais como: Escola do Soldado, Escola do Cavaleiro, Escola da Secção de Infantaria e Cavalaria, Escola da Companhia, Escola do Esquadrão, Escola do Batalhão e Unidades Superiores, Elementos do Serviço em Cam.

panha Instrução de Tiro, Instrução para as Unidades de Metralhadoras, Tratado de Esgrima e muitos outros compêndios onde se condensavam ensinamentos militares, transplantados do Exército Francês para o nosso meio.

A Fôrça Pública recebeu "Status", firmou-se como policia militar e no alicerce franco-brasileiro mantem-se até hoje... E tóda essa obra de gigantes foi construida pelos seguintes officiais do Exército Francês: cel. Paul Balgny, ten-cel Negrel, cap. De La Brousse, cap. Statt Müller, da 1.a Missão Francesa. Gen Nerel, ten-cel Prost, ten-cel. De Premorel, Gatelet, Feneau, Charles Etienne, Louis Jusselain e caps. Lemaitre, Demergian, Delboss, Gueritat e Balancier, da 2.a Missão Francesa.

Quando a Fôrça Pública comparecia ao Prado da Mooca, para a celebração do 15 de Novembro, milhares de pessoas amanheciam no local. Coelho Neto assim se referiu em um de seus artigos:

"A parada no Campo do Jockey Club, em presença de mais de 10.000 pessoas, foi um deslumbramento... A desfileada pela frente da arquibancada foi irrepreensível... Depois das continências começaram as evoluções, executadas com precisão mecânica. Ao reluzir

da espada do comando, ao sinal do apito do cap. La Brousse, moviam-se os soldados, fileiras cerrando-se enquadradando, avançando e recuando... A voz de "calar baionetas", um rápido rebulho fulgurou na turba, depois um ruido sêco e as armas alumiaram acesas. Seguiu-se o exercicio de esgrima, de uma correção absoluta... Deixemos porém o lado brilhante, a chamada estética militar, e vejamos a Fôrça Pública paulista no seu mister de policia. O soldado em São Paulo tem orgulho de seu pòsto e honra-o. Ninguém o vê mal enjorçado nem a ombrear com o vagabundo à porta da taverna, nem encostado às esquinas em cavaco rascoeiro com a criadagem — é serio, mantém-se respeitoso no seu dever e, dado o caso de um confliito, não se arremessa à bruta, com descabida bravata, mas encaminha pacificando, se pode, ou efetuando a prisão, se ela se impõe, sem estardalhaço e violência... O policiamento é feito últimamente com metade da Fôrça que, dantes, apenas servia para atropelar o povo e levar mais confusão aos distúrbios". (26)

Após as palavras de um Coelho Neto, não nos é mais possível acrescentar algo, a não ser que elas sintetizem de forma admiravel o que pode a disciplina militar na eficiencia da policia fardada.

V — Conclusões

A natureza do trabalho que nos propuzemos em apresentar não permite maiores detalhes e mais copiosas citações bibliográficas, mas acreditamos poder induzir, pelos traços culturais citados

que os francezes estabeleceram no Brasil, mais do que simples *comunicação* (27), eles criaram verdadeiros *contatos* primários (28) de fecundidade assombrosa. Enquanto outras nações se preo-

cupavam em comerciar com o Brasil ou estabelecer aqui suas bases tecnológicas, os franceses fizeram muito mais — integraram-se no pensamento brasileiro continuando aqui aquela filosofia liberal republicana que levantou as opressas muralhas da Bastilha. O pensamento positivista de Augusto Comte não só inspirou nossos ideais republicanos mas perpetuou-se em nossa bandeira, no símbolo de "Ordem e Progresso".

Podemos ao final concluir que os contatos franco-brasileiros permitiram uma internação no mundo das idéias e cristalizaram um processo de assimilação, emprestando seus reais valores, na reestruturação de uma corporação policial-militar que foi um baluarte na defesa dos ideais democráticos da primeira república.

E se tais eventos foram possíveis, condicionados àquela situação politico-social agora que novas imposições se fazem sentir, pelo avanço da racionalização do trabalho, torna-se necessário um rejuvenecimento dos intercâmbios passados.

Entendimentos diplomáticos poderiam participar dessa idéia, envidando esforços para que uma nova Missão Francesa de Instrução Militar instruisse a Força Pública, não mais, em nossos quartéis mas naqueles que abrigaram Foch e De Gaulle, através de bolsas de estudos aos oficiais da Força Pública, que tanto se orgulham de ostentar as tradições gaulesas.

- (1) — Vide Rocha Pombo — história do Brasil — vol. II — pág. 610.
- (2) (3) (4) — Idem vol. III — págs. 14, 18 e 32.
- (5) — Vide Donald Pierson, PH. D. Edições Melhoramentos 3.ª edição — Teoria e Pesquisa em Sociologia. — pág. 319.
- (6) — Vide Rocha Pombo — História do Brasil — vol. III pág. 335.
- (7) — Vide Rocha Pombo — História do Brasil — vol. III pág. 485.
- (8) — Idem — vol. III — pág. 49.
- (9) — Vide Antônio Batista Barbosa de Godol — «História do Maranhão — ano de 1904».
- (10) — Vide Rocha Pombo — História do Brasil — vol. VII — pág. 233.
- (11) — Idem volume IX — página 447.

ASSINANTE! — Não se esqueça de comunicar à redação de MILITIA qualquer mudança em seu endereço.

- (12) — Vide Rocha Pombo — História do Brasil — vol. IX — pág. 519.
- (13) — Idem volume II — página 620
- (14) — Vide Rocha Pombo — História do Brasil — vol. X — pág. 20
- (15) — Vide Ernani Silva Bruno — História e Tradição da Cidade de São Paulo — volume I — Livraria José Olympio — Editora Ric — página 57.
- (16) — Idem volume I — página 63.
- (17) — Idem volume I — página 65.
- (18) — Vide Rocha Pombo — História do Brasil — Vol. II — pág. 911.
- (19) — Idem volume II — páginas 933, 983 e 1050.
- (20) — Vide Eugênio Egas — Galeria dos Presidentes de São Paulo — publicação oficial do Estado — volume II — págs. 47 a 60.
- (21) — Vide Eugênio Egas — Galeria dos Presidentes de São Paulo — publicação oficial do Estado — volume II — págs. 231 e 239.
- (22) — Idem — volume II — pág. 302.
- (23) — Vide Euclides Andrade — Ely Câmara — A Fôrça Pública de São Paulo — esboço histórico — sociedade impres. paulista — página 49.
- (24) — Jornal Imprensa do Rio de Janeiro — julho de 1908.
- (25) — Vide Inezil Pena Marinho — A Organização da Educação Física no Brasil — Tipografia Batista de Souza — R. Janeiro — 1941.
- (26) — Vide Coelho Neto — jornal «Correio Paulistano» — dezembro de 1907 — artigo — Fôrça Pública do Estado de São Paulo.
- (27) — Vide Donald Pierson, PH.D. Edições Melhoramentos — 3.^a edição — Teoria e Pesquisa em Sociologia — pág. 318 e 319
- (28) — Idem — idem.

ENTREVISTAS CÉLEBRES

As entrevistas podem não se tornar lá muito célebres. Mas as personagens a ser entrevistadas — ah, estas o são! Tenha paciência, leitor. Espere até o próximo número e verá. Nossa equipe de reportagem anda por êsse mundo afora, à cata de celebridades, certa de que obterá entrevistas-bombas, capazes de ir muito longe, além mesmo dos muros dos quartéis.

Nesta mesma página, o leitor encontrará as tais entrevistas, com assuntos milicianos ou para-milicianos ou... bem, o que for possível dentro das limitações dos brilhantes repórteres de MILITIA. Os rapazes prometem. Sim, apenas prometem, por enquanto...

Ào assumir o comando da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, o faço com o pensamento voltado para as co-irmãs de todo o Brasil, nesta hora em que reivindicamos todos, em uníssono, uma legislação que atualize a já existente e defina com precisão a funcionalidade das Polícias Militares. Assumo o comando da Polícia Militar gaúcha animado dos melhores propósitos de lutar ao lado das co-irmãs pela unificação, melhor intercâmbio e entrosamento de nossas corporações.

Intercâmbio e entrosamento das co-irmãs
Não vantagens, mas responsabilidades
Miliciano no Congresso

De Pôrto Alegre escreve
OTÁVIO FROTA
coronel comandante geral
da Brigada Militar

**S
A
U
D
A
Ç
Ã
O

A
O
S

M
I
L
I
C
I
A
N
O
S

D
O

B
R
A
S
I
L**

Estou certo que hoje o mesmo pensamento que anima os milicianos do sul anima os do norte, pois que nossa missão é a mesma, o sacrifício e abnegação dos nossos soldados são idênticos. A incompreensão e as injustiças que uma sofre atinge as demais.

Não reivindicamos vantagens e sim responsabilidades condizentes com nossa formação moral e profissional. Lutamos por uma definição precisa, nos termos de nossa Lei maior, no campo da segurança pública, para que os nossos soldados possam, como verdadeiros guardiães da sociedade, desempenhar suas funções garantidos pela própria sociedade que defendem, sem as preocupações e sobressaltos que ora os atormentam. Se formos unidos e tivermos o nosso pensamento voltado para aquela figura impoluta e invulgar do nosso paterno, que como alferes de milícia, já lutava pelos ideais de liberdade de um povo e por ela derramou o seu sangue, venceremos e conosco vencerá o povo brasileiro, que aspira um clima de maior segurança, paz e tranqüilidade, para o progresso e o desenvolvimento de nossa estremecida Pátria.

Contamos hoje milicianos de todo o Brasil, com a presença, no Congresso Nacional, de um ardoroso miliciano. incansável lutador pela causa das Polícias Militares, que é o cel. Walter Parachi de Barcellos, que, não obstante percalços de várias naturezas, não abandonou o campo de luta, e hoje, guindado à Câmara Federal, estará com maiores possibilidades de transmitir, com conhecimento de causa, aos congressistas pátrios, as aspirações da família miliciano brasileira, dizer-lhes de nossos ideais, do espírito que nos anima e reivindicar aquilo que mais almejamos: «ser útil à nossa pátria e à nossa gente».

A Brigada Militar, embora esteja no extremo sul do país, não deixa de acompanhar os desejos e as aspirações de suas co-irmãs, e lutará ao seu lado permanentemente por um Brasil melhor.

Avante, pois, milicianos de todo o Brasil, todos unidos pelo engrandecimento de nossas Corporações, dos nossos Estados, Territórios e da nossa querida pátria.

FÔLEGO DE JACARÉ

P. M. Pereira

— «Sr. major, esta minha vida de taxidermista tem passagens interessantes. Haja vista o seguinte: desejando empalhar jacarés, para atender pedidos de fregueses, solicitei a um caboclo, conhecido como Paraguaio, que me trouxesse alguns exemplares, mas vivos.

Isso não foi problema para o Paraguaio. Ele arranhou alguns anzóis grandes, prendeu-os a cordas fortes e usou iscas já passadas e, assim, apanhou vários jacarés.

Ele, sr. major, trazia os jacarés presos em varas de embaúva. Eram colocadas por baixo do ventre, entre as duas pernas. Essas varas eram compridas, de modo a poderem dois homens transportá-las, segurando um cada ponta. E assim vinham os saúrios, todos amarrados a êsses pedaços de pau.

Nesse tempo pagava-se Cr\$ 200,00 por peça.

Eu tinha cerca de 10 exemplares no viveiro. Fiquei alguns dias estudando-os, para melhor poder verificar suas posições naturais. Certa tarde, retirei o maior e dei-lhe algumas bordoadas na cabeça, como me foi ensinado, sem esmagá-la. Verificando que o bicho estava morto, abri-lhe o ventre, lavei-o, após haver-lhe retirado a barrigada. Como já estava escurecendo, pendurei o jacaré no esteio do poço, e fui jantar.

Na manhã seguinte, dirigi-me ao poço para apanhar o jacaré, a fim de continuar o meu trabalho de taxidermista, e verifiquei que não estava mais lá.

A primeira idéia que me ocorreu foi de que o **Nêgo Amaro**, um desocupado que vivia visitando galinheiros, tivesse levado o jacaré, pois, é sabido que uma rabada de jacaré é o fino.

Estava me aprontando para ir à casa do Nêgo Amaro quando ouvi a galinhada, lá no fundo do quintal, muito alvoroçada, e cacarejando. Fui verificar o que havia e qual não foi o meu espanto ao ver, caminhando, o jacaré que eu havia limpado na véspera. Sr major, confesso que fiquei assustado, pensando tratar-se de coisas do outro mundo.

Passado o susto, apanhei uma corda e lachei o famigerado animal, levando-o arrastado, sob o olhar incrédulo de minha mulher. Amarrei-lhe o focinho, prendi-lhe o corpo no pau, como fazia o Paraguaic e, tènicamente, seccionei-lhe a arteria, na altura da nuca. Dessa vez o bicho morreu mesmo!

Dissequei-o e levei a bela e branca rabada para a cozinha, a fim de que minha patroa fizesse com ela uns bifés à milanésa.

Algum tempo depois, já absorto no meu delicado serviço, sou interrompido pela mulher que, numa gritaria danada, vinha lá da cozinha dizendo que ao pôr a rabada na água fria, para lavá-la, ela dava rabanadas. Encafifado, levantei os óculos, olhei para ela e, abanando a cabeça, me dirigi à cozinha a fim de ver a coisa. E vi mesmo, só que já diminuído, pois se mexia, apenas lentamente.

Tudo serenou com o correr dos minutos. Apenas de anormal aconteceu que eu mesmo tive de fazer os bifés e comê-los, pois a patroa disse que êsse sáurio era encantado. Se era ou não, não posso afirmar, apenas lhe asseguro, sr. major, que os bifés estavam muito gostosos.

Após essa passagem, nunca mais quis matar jacarés, para empalhá-los».

Essa me foi contada, de forma muito jocosa e num português arrastado a alemão, pelo famoso e competente taxidermista Gottfried Schonberger, de Presidente Epitácio, neste Estado.

Prof. Silveira Bueno escreve:

Não são poucas as superstições gramaticais. São ensinamentos, inteiramente, infundados, sem base histórica ou usual, que se vão repetindo de gramático para gramático sem que tais mestres se dêem ao trabalho de verificar a exatidão de tais ensinamentos, puramente, cerebrais.

Superstições Gramaticais

A maior falha dos professores de português é, justamente, a falta de leitura dos autores que melhor souberam escrever o nosso idioma. A preguiça e a rotina criaram extenso quadro de regras e mais regras que são desmentidas pelas páginas de Vieira, de Bernardes, de Rui Barbosa, de Machado de Assis.

Uma dessas superstições é a proibição de começar a frase ou o período com gerúndio. Ensinam que tais orações deverão vir no meio do parágrafo. Dentro desta norma proibitiva, Bernardes seria reprovado num exame de admissão e passaria pelo tremendo lápis vermelho dos pedagogos rotineiros.

Eis aqui alguns exemplos, colhidos a esmo, no primeiro volume da «Nova Floresta»: «Abominando este prelado o uso do vinho puro... (pág. 19). «Havendo alguns anos que esta senhora, filha d'El-rei D. Duarte de Portugal, era casada com o Imperador Frederico III sem ter d'ele filhos... (pág. 29). «Cami-

nhando um dia de jejum com seu discípulo Zacarias, chegou a um mosteiro onde os receberam com officiosa caridade... (pág. 33). «Vendo que um religioso seu andava triste e cabisbaixo, o repreendeu, dizendo... (pág. 38). «Estando em artigo de morte um padre antigo do famoso deserto de Citis, os outros monges, rodeando-lhe a pobre cama ou esteira em que jazia, choravam amargamente. (pág. 58). «Querendo este consolar a um amigo seu, oprimido de veemente tristeza, o levou a uma torre eminentemente... (pág. 62). «Faltando enfim as setas, sem que alguma se lograsse, foram os soldados dizer ao presidente o que se passava. (pág. 78). «Divulgando-se a fama desta insigne conversão do prefeito da grande Tebaida, chegou aos ouvidos do imperador Diocleciano. (pág. 80). Vejam os leitores quantos «erros» teria cometido o ultra-clássico Bernardes se fôsse verdadeira a regrinha falsa, inventada por tais gramáticos, que se não pode come-

car frase com gerúndio. Outro senhor absoluto da boa linguagem, o maior de todos, P. Vieira, também desmente os gramáticos. Eis alguns exemplos: «**Sendo**, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, etc. (pág. 13). «**Vendo** o demônio que o Senhor se defendia da tentação com a Escritura, leva-o ao Templo... (pág. 36). **Havendo**, pois de consolar hoje os mal despachados, aquela gente muita e não vulgar de quem se pode dizer... (pág. 49). «**Estando** Cristo na maior aflicção do seu requerimento, desceu um anjo do céu a confortá-lo... (pág. 131). «**Começando**, pois, pelos vossos louvores, irmãos peixes,... (pág. 8). Todas estas citações são do primeiro e segundo volumes da edição Rolandiana dos Sermões de Vieira, talvez, a edição melhor de quantas já feitas de tais trabalhos oratórios.

Vê-se que ambos os clássicos desmentem o falso ensino dos gramáticos em relação ao gerúndio no início dos períodos. Segue-se, portanto, que a colocação dessa forma verbal tanto pode ser no início como no meio do parágrafo, não existindo regra alguma em contrário.

Quando duas construções são igualmente corretas, depende do gosto individual do escritor a sua escolha. É o que se chama estilo.

A sintaxe de colocação é das mais difíceis e por isto mesmo anda muito esquecida das gramáticas. Cuidam somente da colocação do pronome oblíquo, esquecendo-se de tudo o mais.

O cunho de uma língua está, justamente, na ordem das palavras na frase: da colocação do sujeito, do predicado, dos complementos e demais circunstân-

cias. Pode uma frase ser feita com vocábulos todos portugueses, mas se a distribuição deles não obedecer ao gênio da língua, essa frase não será portuguesa. Eis porque demos, em nossa «Gramática Normativa da Língua Portuguesa» tanta atenção a esta parte da sintaxe. No estilo narrativo, por exemplo, requer, a sintaxe que o sujeito venha sempre depois do predicado, como nos ensina Vieira: «Diz Cristo que salu o pregador evangélico a semear a palavra divina»: notem a colocação do sujeito Cristo e pregador evangélico: sempre depois do predicado. Se disséssemos: «Cristo diz que o pregador evangélico salu a pregar a palavra divina», teríamos tôdas as palavras nitidamente portuguesa, mas as duas frases nunca seriam do cunho do nosso idioma.

Dá-se o mesmo nas frases interrogativas: «E que faria neste caso ou que devia fazer o semeador evangélico?» Sempre o sujeito depois do predicado. Escrevesse alguém: «O semeador evangélico que faria neste caso, com vocábulos todos portugueses, não teria escrito em português: para ser português, tem de observar a construção da frase.

Veja o leitor como anda longe dos verdadeiros cânones do idioma essa maioria que estraga tanto papel em romances, poesias e artigos de jornais! Nenhum deles aguenta a menor análise por quem saiba, realmente, os segredos da expressão lusa de boa cepa e bons quilates.

Será bom que o leitor faça uma revisão dos seus conhecimentos para não se incluir em o número dos estultos dos quais já nos dizia a Bíblia que era infinito: *Stultorum Infinitus est numerus.*

Hebe é



a eleita

ARMA LIGEIRA TEM FAVORITA

Taubaté já nos deu a rainha dos cadetes da Força Pública — Celi Campelo.

Agora, outra filha da mesma cidade valeparaibana — Hebe Camargo — é a favorita do Regimento de Cavalaria "9 de Julho". Eleita por aclamação dos cavalarianos, Hebe não foi coroada, porque não queria corôas, mas recebeu flôres: uma corbelha de rosas vermelhas oferecida pelos milicianos.

As rosas fôram entregues solenemente num baile a ela dedicado. Mais coisas recebeu ainda a eleita, na mesma ocasião: um troféu e uma flâmula do Regimento, outra flâmula do Centro Social dos Cabos e Soldados, um cartão de prata alusivo à festa e muitos aplausos de todos os presentes. A faixa de favorita lhe foi entregue por nosso companheiro José Carlos em nome do Centro Social dos Cabos e soldados.

Pelas mãos do major Sílvio Marcondes Resende, representante do Comando do RC, a conhecida atriz foi conduzida ao trono para ela erguido na sede do Centro Social dos Sargentos, onde se realizou o baile. A entrada foi solene, como convem a uma rainha, com escolta de honra formada por lanceiros.

Hebe alegrou a festa, com seu sorriso permanente e sua simpatia. Entregou as medalhas que os oficiais da arma ligeira ofereceram aos 8 cavalarianos classificados nos 8 primeiros lugares da Esco'a de Cabos e ainda cantou três números de seu repertório. Como não podia deixar de ser o acontecimento teve ampla cobertura da imprensa, rádio e televisão.

A favorita dos cavalarianos teve assim justa homenagem por seus inúmeros sucessos musicais na televisão do Rio e de São Paulo. Ela, que sempre se destacou em sua carreira artística, é agora, também, uma espécie de cavaleira honorária, sobressaindo, portanto, como rainha incontestada da arma ligeira paulista.



*Entrada triunfal:
lanceiros a postos*

Hébe e "O Inconfidente"



Fazia tempo que os cavalarianos não viam Hebe em seu quartel. De repente, ela reapareceu. Foi no dia 24 de janeiro. E que no dia seguinte, aniversário da capital paulista, o comandante do Regimento também fez anos e ela foi cumprimentá-lo. Foi também uma secção da Banda para tocar «Parabens a Você», e todos os milicianos presentes, de surpresa, homenagearam o aniversariante. Houve coquetel, onde a favorita se distraiu por uns instantes (foto), lendo «O Inconfidente», dos cabos e soldados da corporação, ocasião em que foi surpreendida pela objetiva de MILITIA. A artista, a despeito de seus compromissos, foi ficando entre os milicianos com os quais passou quase tôda a manhã. Afina!, precisou retirar-se, embora todos quisessem retê-la mais um pouco que fôsse. Após sua saída, oficiais e praças se confraternizaram numa chopada, encerrada com a «Canção da Cavalaria», senão muito afinada, ao menos cantada com prazer.

cavalarianos da fp

disciplina = trabalho = espírito de corpo

Arma: cavalaria.

Unidade: Regimento "9 de Julho" da Fôrça Pública.

Idade: 71 anos, com muitas páginas escritas na história de Piratininga.

As tradições, a disciplina inquebrantável, os serviços prestados continuamente — tudo faz do RC uma unidade de elite, onde todos se esforçam cada vez mais pela realização dos anseios da Fôrça Pública, traduzindo no lema: "servir" e não "servir-se". Dos esforços comuns, resulta o espírito de corpo da arma ligeira.

Sem prejuízo da personalidade individual, cada cavalariano se sentem parte do todo; uma pedra do sólido edifício. A tropa, com sua organização militar especializada, está sempre pronta para qualquer eventualidade. Quando sai à rua, para as mais diversas missões, não é o homem que sai, mas sim o regimento ou uma fração dele. É a tropa coesa, em que cada soldado está comprometido de seu dever na ação conjunta. Cada um deles é um cavalariano da Fôrça Pública.

Sua formação

Intensa fase de preparação forma o cavalariano desde o início. O Esquadrão Escola prepara-o, plasma-o, adapta-o à vida na caserna e entrega-o para o desempenho de qualquer missão, a pé a cavalo ou motorizado. Em pouco tempo, o recruta aprende a dominar o cavalo, forjando assim seu físico e seu espírito. Ao mesmo tempo, adquire conhecimentos militares e policiais, além da cultura geral necessária. Seu preparo físico é cuidadoso.

Entretanto, terminada a escola do soldado, quando o cavalariano deixa de ser recruta, o treinamento continua. Ele precisa aperfeiçoar-se cada vez mais. Adquirir novos conhecimentos. A técnica e a tática evoluem e o Regimento, dotado de novos meios, acompanha o progresso. O cavalariano precisa evoluir da mesma forma. E a luta continua.

Disciplina e camaradagem

A vida cotidiana é árdua e requer disciplina exemplar. A sã camaradagem é também indispensável e o miliciano do RC a mantém sem quebra da hierarquia e demais preceitos disciplinares. Assim, cada um deles faz do quartel seu lar e dos companheiros seus irmãos, dentro do mais absoluto respeito aos regulamentos. E, nas comemorações internas, todos se sentem felizes, confraternizando-se na alegria geral de todos os escalões.

As tradições são mantidas vivas, com o carinho de todos. Há algo de místico em cada gesto de um cavaleiro. Entre ele e sua montada, estabelece-se um laço íntimo, claramente perceptível. Em numerosas solenidades, na Fôrça Pública e no mundo civil, os lanceiros e a banda de clarins são símbolos da fase heróica da cavalaria e de alguma coisa que fica na alma de cada cavalarião.

Varando o tempo

Já na fundação da milícia, em 1831, os primeiros cavalariairos atuavam na manutenção da ordem. Em 1864, com a ida da corporação para a guerra do Paraguai, tiveram que redobrar o serviço de vigilância interna. Mas só em 1892 o presidente da província, Bernardino de Campos, determinou a formação do Corpo de Cavalaria, integrando a corporação dos milicianos de então — os "permanentes urbanos".

Seu primeiro comandante foi o ten.cel. Joaquim Inácio Batista Cardoso. Organizada militarmente, a arma ligeira se desincumbiu de suas funções sempre a contento, desde o início. Em 1906, com a chegada da primeira missão francesa, a equitação, a técnica de ação e a tática militar foram aperfeiçoadas, passando a destacar-se em todo o Brasil.

Alunos do cap. Statt Müller, seus componentes foram chamados a intervir nos movimentos armados de 1924, 1930 e 1932. Em tôdas aquelas campanhas, escreveram páginas de glória na história do Brasil. E os heróis obscuros da arma ligeira continuam a velar pela tranqüilidade pública, como sempre fizeram, desde 11 de outubro de 1892, quando a cavalaria da Fôrça Pública passou a existir como unidade autônoma.

Statt Muller



Statt Muller é nome que se tornou símbolo, no Regimento e na Força Pública. Integrou a missão francesa (ver ensaio sobre o assunto, do cap. Sérgio Vilela Monteiro, em outro local desta edição). A missão passou anos entre nós e um dia retornou à Europa, deixando a corporação reorganizada e preparada militarmente. Deixou também o cap. Statt Muller.

A unidade do velho oficial gaules era o Regimento de Cavalaria. Embora livre de suas antigas obrigações, ele jamais deixou a convivência de seus companheiros brasileiros, até o último dia de sua vida. Afeiçãoado à equitação, sempre era visto a cavalo, no picadeiro. Nas solenidades do Regimento, ele nunca deixou de estar presente. Aquela figura respeitável, impecável em seu uniforme do exército francês, o clássico boné a cobrir-lhe as cãs — tornou-se um símbolo da milícia e uma figura popular em São Paulo.

Hoje, o que resta do capitão francês é uma sala com o seu nome no RC, outra no Centro de Formação e Aperfeiçoamento e uma saudade.

Viaturas

As tradições, no Regimento, são cultivadas em seu sentido dinâmico. Sem se prender ao passado, ele se moderniza. Assim é que o Esquadrão de Metralhadoras, recentemente reorganizado, dispõe de armas montadas em carretas blindadas, rebocadas por jipes.

As carretas foram idealizadas no próprio Regimento e construídas nas oficinas da corporação, de acordo com as reais necessidades em nossos dias. Com blindagem especial, à prova de tiro de fuzil, possuem grande mobilidade e suas guarnições são especialmente treinadas em seu manejo. Trata-se de um imperativo da época.

Atuação

Dia e noite, nos quatro cantos do Estado, a cavalaria da Fôrça está presente, garantindo a tranqüilidade pública. Frequentemente a topografia local não permite meio de transporte que não seja o cavalo, como acontece na própria capital paulista. Para suprir essa necessidade, o destacamento montado do Barro Branco está instalado na zona norte de São Paulo, junto ao quartel do Centro de Formação e Aperfeiçoamento. Os animais empregados pelas patrulhas são utilizados também na instrução dos alunos da Escola de Oficiais, que funciona naquela unidade. Junto à Cidade Universitária, outro destacamento é responsável pelo policiamento montado naquela área da capital. Fará parte de uma unidade mista, em organização — o 16.º Batalhão Policial — com tropas de infantaria, cavalaria e bombeiros.

Por outro lado, funcionam destacamentos em vários municípios, adidos a unidades do interior. Dessa forma, a cavalaria presta serviços em Santos, Campinas, Ribeirão Preto, Bauru, Sorocaba, São José do Rio Preto, Piracicaba, Pirassununga e Bragança Paulista. Várias prefeituras do interior pedem com insistência a instalação de destacamentos locais, o que será atendido paulatinamente, na medida do possível.

Na sociedade

Diversas entidades contam com a colaboração do RC. Além de oficiais preparados em cursos modernos de especialização e aperfeiçoamento no Brasil e no exterior, há outros que fizeram cursos especiais de equitação e adestramento, inclusive em Saumur, na velha academia francesa. A participação destes no preparo de cavaleiros é grande e nas provas hípicas eles sempre se destacam.

Ao mesmo tempo, sem prejuízo do serviço normal, diariamente os lanceiros são solicitados para participar de cerimônias as mais diversas, dentro e fora da corporação. Os componentes da Escola de Volteio, com suas acrobacias a cavalo, são a atração máxima sempre que aparecem em público.

Organização

Com um efetivo de 1149 homens previsto em lei, o efetivo existente é de pouco mais de 700 homens, entre oficiais e praças. Os cavalarianos estão distribuídos em 4 esquadrões de fuzileiros e um de metralhadoras. Um dos esquadrões de fuzileiros, sem efetivo, está ainda em fase de organização.

Primeira etapa

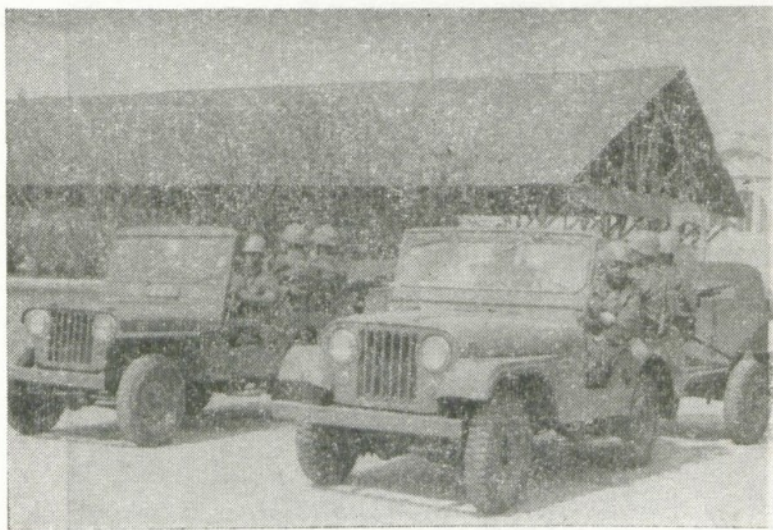
Com certificados de aproveitamento, madrinhas e tudo, 75 novos soldados do Regimento concluíram solenemente sua instrução na Escola do Soldado. Receberam ainda suas esporas e prestaram o juramento regulamentar de dedicar-se inteiramente ao serviço da pátria, ainda que com o sacrifício da própria vida. O comandante geral, gen. de div. João Franco Pontes, fêz entrega de certificado e esporas ao primeiro colocado, sd. Sebastião Vicente da Silva. Os dois seguintes, sds. José Elias Filho e Wilson de Góis, receberam-nos, respectivamente, do comandante da Unidade, cel. Adau o Fernandes de Andrade, e do representante do govêrno do Estado, cel. Delfim Cerqueira Neves. Os três primeiros, como os demais, são novos soldados, preparados no Esquadrão-Escola do Regimento sob o comando do cap. Wilson Vasconcelos, coadjuvado pelos instrutores ten. Dilton Carvalho de Souza e asp. Arlindo de Moura, bem como pelos monitores spts. Simão Ferdinelli e Miguel Toledo Gimenes, e cabos Gelmires José Galindo e Caramuru Ferreira da Silva.

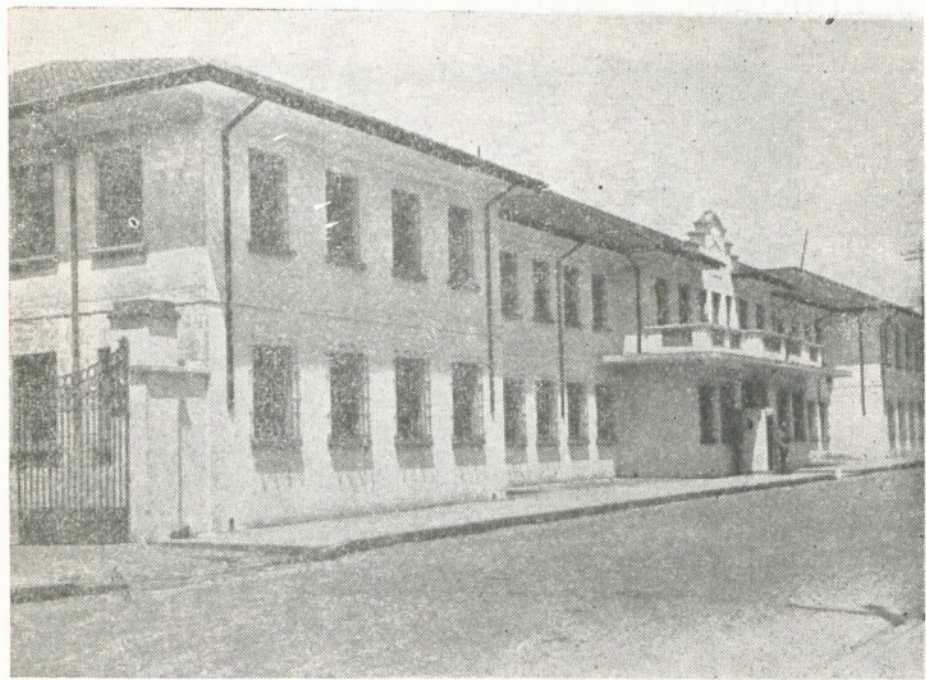
Depois, fôram as madrinhas que se dirigiram aos outros soldados, fazendo entrega daqueles símbolos. Em seguida, além dos atos de praxe, uma churrascada coroou a festa dos novos cavalarianos. Foi uma data significativa para ôes: 26 de fevereiro.

O miliciano domina o cavalo



e se motoriza





Do quartel tradicional sai a escolta da bandeira, à frente da tropa, em uniforme de gala. É o culto ao passado, simbolizado nas côres vistosas da farda usada por nossos avós. É o regimento em dia de apresentação em público. E o povo aplaude os milicianos em trajes de festa. Por trás das côres e do aspecto festivo, nem todos percebem o trabalho anônimo do cavalariano.



À testa da unidade, como maior responsável por suas atividades, seu atual comandante, cel. Aduato Fernandes de Andrade.





Oficialidade do RC

Da esquerda para a direita, na fileira da frente: 2.º ten. Plínio Anganuzzi. 1.º ten. Aparecido Teixeira. mj. Roldão Nogueira de Lima. mj. Anselmo Perez. cel. Adauto Fernandes de Andrade, cap. Mário Rodrigues Montemor, cap. Wilson Vasconcelos, cap. Horácio Bosen; na segunda fileira: 1.º ten. Fernando Averbach, 2.º ten. Ciro Silva, 2.º ten. Niomar Cirne Bezerra, 2.º ten. Edson Lara de Albuquerque. 1.º ten. Newton Borges Barbosa; ao fundo: 2.º ten. Leonardo Estanislau Meizikas, 2.º ten. Celso Feliciano de Oliveira. 2.º ten. Ney Moreira dos Santos e 2.º ten. Dilton de Sousa.

A DEUS, ÉRIKA!



Luto no Regimento. Érika morreu.

Há pouco mais de um ano, ela foi adotada pelo Regimento "9 de Julho" Tudo começou com uma aglomeração nas proximidades de Vila Mazzei. Uma égua fôra atropelada pelo trem e populares pediam providências para socorrer um potrinho que a acompanhava. Um cavalariano ia passando e resolveu agir. A vítima estava morta. O miliciano telefonou para o quartel, comunicando o fato e, ao voltar, o animalzinho havia desaparecido. Auxiliado por populares localizou-o junto a um cidadão que dormia num campo de futebol, abraçado a êle

"Êle" era uma èguazinha recém-nascida. O dono não foi encontrado e a solução foi levá-la para o quartel, onde todos a receberam carinhosamente. Era uma pequena orfã a ser adotada. Foi logo batizada: Érika.

E ela cresceu. E habituou-se na caserna. Um dia, deram-lhe uma fatiota especial, com penacho e tudo, para se apresentar em público. Foi um 7 de setembro, dia de glória para Érika. Trotando faceira pelo Anhangabaú, recebeu os primeiros aplausos do povo. E gostou.

Depois, vieram outras apresentações. Mais aplausos, para orgulho da filha adotiva do Regimento. Há pouco tempo, foi passar uma temporada no campo do Canindé. Foi ficando, à vontade, passeando livre, sempre recebendo suas rações em hora certa e brincando. Gostava de se exibir e todos os que por lá passavam ficavam a admirá-la. Com pouco mais de um ano de idade, estava no esplendor de sua glória. E sempre vaidosa.

Um dia, ninguém sabe como aconteceu. Uns dizem que um cão a assustou e ela correu. Outros afirmam que teve uma vertigem, lançando-se para a frente às cegas. O fato é que ela deve ter corrido com sua agilidade de sempre. A sua frente, um portão de ferro, fechado, implacável. O que restou foi a brecha na cabeça.

Pronto sr. co- man- dante



Papai Coutinho é bombeiro. Sidney herdou do pai o entusiasmo pelo trabalho contínuo dos soldados do fogo. Com seus 5 anos, miudinho de corpo, mas garboso como gente grande, lá vai ele desfilando com firmeza, farda impecável, capacete reluzente. A pé ou no alto de uma viatura vermelha, é sempre ele a figura que mais se destaca, em tôdas as solenidades do Corpo de Bombeiros. Ao lado da bandeira, o lugar de honra pertence ao bombeirinho. Nos deslocamentos solenes do comando, Sidney tem lugar reservado no carro do coronel. Quando chega o comandante — Pronto! — o bombeiro mirim é o primeiro a se apresentar, prestando a continência de acôrdo com o regulamento.

Mais bombeiros e material apropriado para São Paulo

Osasco e Araçatuba são dois municípios paulistas que querem ter, cada um, seu posto de bombeiros, para atuar em incêndios, inundações e até fornecimento de água. O material, lá como em toda parte, deve ser apropriado às necessidades locais. Por tudo isso, as duas prefeituras já assinaram convênio com o governo do Estado. A este caberá fornecer o pessoal — milicianos da Força Pública, servindo no Corpo de Bombeiros — e o equipamento especializado. Prédios, veículos e material não especializado ficarão a cargo dos municípios interessados. Ao mesmo tempo, soldados lá sediados receberão treinamento especial para auxílio aos homens do fogo.

Equipamento nacional

Está em experiência no Corpo de Bombeiros um carro fabricado por indústria paulista. Trata-se de auto-bomba que, no parecer do comandante, cel. Paulo Marques, "tudo indica, irá aprovar plenamente". Tôdas as peças são nacionais, sendo importado do exterior unicamente o corpo de bombas.

— "Precisamos — diz o cel. Marques — autos-bombas que funcionem com alta e baixa pressão. Um tanque de 3 mil litros de água, com bomba de alta pressão, equivale a 30 mil litros. A água pulverizada pela alta pressão é ideal para apagar incêndios internos e até mesmo para limpar ambientes de gases prejudiciais."

Roupas contra calor:

revolução na técnica

Até 3000 graus de temperatura é a resistência de roupas aluminizadas e empregadas contra o calor. É a última palavra da técnica e o CB as importa da Alemanha. Dia 21 de janeiro último o comandante do Corpo foi à CACEX, no Rio de Janeiro, para tratar da importação de material daquele tipo e aparelhos novos para a unidade. As roupas aluminizadas excedem em muito a eficiência do amianto, anteriormente utilizado.

Mais seis carros, dotados de bombas de alta pressão devem ser importados, pois ainda não são produzidos em nosso país. Atualmente, o chassis vem da Alemanha e o equipamento dos Estados Unidos.

Água armazenada: 100 mil litros

Em 20 de janeiro do corrente ano, a seca ainda era uma calamidade em São Paulo. Mas não afetou os serviços do Corpo de Bombeiros. Segrêdo da incolumidade: 100000 litros de água armazenados e equipamento apropriado para bombear água dos rios Tietê e Tamanduateí, quando necessário.

PUNHOS DE POLÍCIA FEMININA VENCEM TRÊS MARGINAIS: BH

BELO HORIZONTE (MILITIA) — Morena e bonita, com 21 anos, Araci Maria dos Santos passeava nesta capital, quando três galanteadores a chamaram. Continuou a caminhar com indiferença, mas os três a seguiram, dirigindo gracejos de mau gosto, até que a jovem perdeu a paciência e não teve jeito senão mandar um deles ao chão, com um murro. Um dos outros dois sacou uma faca e foi atirado longe com um golpe bem dado pela jovem. Diante disso, o terceiro achou melhor ficar quieto. Na Delegacia, apurou-se: eram malandros com várias passagens pela polícia.

Polícia feminina

Araci é da Polícia Feminina do Mato Grosso. Em férias, está hospedada no quartel do C. S. A. da Polícia Militar deste Estado. Mineira de Barbacena, é uma das 2482 moças do batalhão sediado em Cuiabá, sob o comando da cel. Denise Monteiro Matos. A disciplina das jovens policiais é rígida (regulamento do Exército) e suas faltas são passíveis de repressão, detenção ou prisão, como as de qualquer soldado. A seleção rigorosa e a instrução ministrada possibilitam existência de milicianos como Araci, sempre prontas para a captura de criminosos, fiscalização do trânsito, assistência social e manutenção da ordem em geral.

Elas aprendem a montar, saltar de paraquedas e atirar com várias armas, inclusive fuzil e metralhadora. Recebem aulas de defesa pessoal, corpo a corpo, golpes diversos e desarmamento. As 4 horas da manhã, já estão de pé para receber instrução e fazer o expediente normal e desempenhar o serviço em colaboração com a PM do Mato Grosso. Não admira que Araci tenha dominado os malandros com tanta facilidade.

Outras ações

Prisões e mais prisões tem feito a moça fardada. Mesmo em férias em Belo Horizonte, já deteve um ladrão de automóveis e numa tarde, prendeu mais três indivíduos entregando-os a uma guarnição da Polícia Militar.

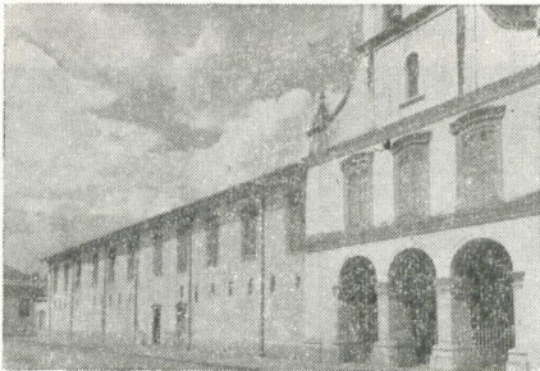
A mineirinha do Mato Grosso, que é de família numerosa, tem um tio nesta capital, onde costuma vir a passeio. Com 4 anos de serviço, já efetuou numerosas diligências, inclusive em Viña del Mar, onde localizou um homem que matara sua mulher e 4 filhos. Enfrentou-o sem temor e prendeu-o. Ao efetuar outra prisão, foi baleada na perna esquerda, o que não a atemorizou e, até hoje, Araci continua a fazer frente ao perigo, sempre que necessário.

Com futuros oficiais



INESITA CANTA na Escola de Oficiais. Inesita Barroso é persona grata na Fôrça Pública. Seu repertório, quase todo de origem folclórica, foi aumentado com o Hino à Bandeira e outros, além de marchas militares, que ela cantou com a banda de música da corporação. E gravou um «long-playng»: «A Moça e a Banda». Um dia, foi levada ao Centro de Formação e Aperfeiçoamento, para cantar com a tropa daquela unidade-escola. Instalado um microfone num estrado Inesita cantou (foto). Ao fundo, na posição de sentido, os futuros oficiais acompanham o canto, com a participação de uma seção da banda.

MOSTEIRO DA LUZ



Único
monumento
nacional
paulista

Colaboração do cap. Reginaldo M. Miranda, exclusividade de publicação em MILITIA, revista do Clube dos Oficiais da Força Pública de São Paulo.

Esta nota não atende a qualquer propósito de proselitismo religioso. É mais um BRADO DE DEFESA de um dos mais valiosos patrimônios públicos.

A IGREJA DA LUZ, na cidade de São Paulo, surgiu primeiramente, ao que parece, para as bandas do Ipiranga. Sua certidão de nascimento é uma carta, datada de um domingo, 15 de novembro de 1579, em que Anchieta participa ao cap. Jerônimo Leitão que «Domingos Luiz estava acabando a igreja...» Já em 1583 devia estar no bairro que lhe deve o nome e antes chamou-se Guarepe ou Guaré. Nos primeiros anos do século XVIII floria nas imediações da igrejazinha da Luz o primeiro jardim paulistano. Encarregado então da igreja era o cap. Felipe Cardoso. Nova igreja viria a surgir com a construção do convento da Luz.

A FUNDAÇÃO DO RECOLHIMENTO DA LUZ

A pedido da religiosa Madre Helena Maria do Sacramento inspirada por Frei Galvão, o capitão general governador de S. Paulo, Morgado de Mateus fundou, no alvorecer de 2 de fevereiro de 1774, o recolhimento que se chama hoje oficialmente Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz. Na nova

casa de religiosa, instituiu a Festa de NS dos Prazeres, de que era muito devoto. Para o amparo daquela festa organizou-se a Irmandade da Nobreza, cujos mordomos eram pessoas do maior destaque. Entre os primeiros mordomos encontramos o cel. Afonso Botelho de Sampaio e o ajudante Manoel Borges da Costa, oficiais de linha do Regimento de Santos. A festa de NS dos Prazeres na Luz foi até 1890 um grande acontecimento social na cidade. Sobrevive hoje, carinhosamente conservada pelas religiosas.

FREI GALVÃO — A grandeza na humanidade. O franciscano Frei Antônio de Santana Galvão nasceu em Guaratinguetá, no decorrer do ano de 1739, filho do capitão mor Antonio Galvão de França, português natural do Faro, no Algarve. Pelo lado materno, descendia dos primeiros troncos vicentinos.

Frei Galvão é um dos grandes nomes da nacionalidade e deve ser o primeiro brasileiro a merecer as honras dos altares! A não considerarmos suas resplandecentes virtudes morais e religiosas, sobram-lhe muitos méritos. Surgindo na cidade a Academia dos Felizes, nela ingressou como poeta e seus versos em latim sempre mereceram elogios dos latinistas. Construtor do convento da Luz, aquele vetusto casarão consagra-o como arquiteto, engenheiro e mestre de obras. orientou durante décadas, por vèzes sob difíceis condições a comunidade religiosa. Sua pessoa tinha decidida influência em São Paulo. Por ter-se manifestado contra a execução do soldado Caetaninho, foi mandado expulsar da cidade pelo governador brigadeiro Martim Lopes. A reação popular foi tão grande que o duro brigadeiro teve que reconsiderar aquela ordem.

Mas Frei Galvão foi, acima de tudo, um grande servo de Deus. Sua longa vida foi uma sequência de boas ações e um manancial de virtudes. Aos interessados, aconselhamos a leitura do livro de Maristela, carinhosamente prefaciado por Taunay. No convento da Luz é distribuído o jornalzinho «O Celeste Orvalho» que, publicando excelentes comentários de natureza moral e religiosa, traz sempre extensas relações de graças alcançadas pela intercessão de Frei Galvão. A Independência veio encontrar o santo no fim de sua jornada terrena. Passou seus últimos meses prostrado sobre duro leito, simples elevação do assoalho entre dois lances de parede. Para dar-lhe um pouco de conforto, as religiosas juntavam alguns docinhos às magras refeições. Mas a Divina Providência foi mais generosa que as irmãs. Uma ga-

rotinha, filha de escravos, atraída pelos doces, ia sempre fazer companhia ao santo, alegrando-o com sua meiguice infantil — Frei Galvão faleceu mansamente às dez horas da manhã do dia 23 de dezembro de 1822. Foi enterrado junto ao altar mor da igreja da Luz, no recinto do seu querido convento. É lembrado no dia 23 de cada mês e a sua festa transcorre em dezembro, comemorando seu ingresso na glória divina.

Quem for ao convento, em qualquer dia do ano, encontrará sempre o túmulo de Frei Galvão carinhosamente coberto de flores frescas.

PARENTES — Membro de uma das mais antigas e distintas famílias brasileiras. Frei Galvão tem muitos parentes vivos e falecidos. Desses últimos, lembramos com todo o respeito a profa. Risoletta Galvão de França Monteiro, ornamento das virtudes de Frei Galvão e progenitora do cap. Nelson Monteiro, oficial da Fôrça Pública de São Paulo.

Outros parentes espirituais de Frei Galvão são os chamados «Galvão de promessa», que adotaram o nome por devoção. Existem muitos em S. Paulo e no sul de Minas.

O MOSTEIRO — Sendo uma casa de religiosas que vivem em clausura, não é o Mosteiro acessível à visita pública. Podem ser visitados somente o pátio de entrada, a portaria e a igreja. O que logo chama a atenção do visitante são as imensas paredes de taipa, autênticas muralhas de terra socada, com mais de um metro de espessura, elevando-se por vezes a mais de quinze metros de altura e algumas com cinquenta metros de comprimento! Paredes levantadas por escravos, entre os quais, simples operário, alegre e entusiasmado, Frei Galvão trabalhou anos a fio. Aquelas paredes durante a revolução de 1924 aguentaram verdadeira chuva de balas e granadas de artilharia.

O edifício documenta a construção colonial paulistana apresentando notáveis detalhes arquitetônicos. Ostenta o nosso autêntico e belíssimo estilo colonial sem as exagerações comerciais.

Na realidade, o convento da Luz merece toda atenção dos poderes públicos.

Em 16 de agosto de 1943 foi tomado pela República como Monumento Histórico Nacional, constituído pelo convento e parque que o circunda. Nos termos da legislação em vigor não pode sofrer qualquer alteração. Está sob o contrôlo do 4.º Distrito do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional cujo

chefe, sr. Luiz Saia — arquiteto de renome internacional — dedica particular atenção ao convento. Foi cuidadosamente fotografado pelo sr. Germano Graeser, funcionário da DPHAN que constituiu, através de dezenas de anos, magnífico arquivo iconográfico de todo o acervo de relíquias em S. Paulo. Convém ressaltar que o convento e parque constituem o único monumento nacional na cidade de São Paulo, enquanto que na região de Santos, S. Vicente e Guarujá existem sete ou oito! Pacientes estudos feitos pelo Ministério da Educação consagram de tal modo o valor do Convento da Luz que qualquer construção em suas imediações obedece a rigorosos gabaritos.

O GRANDE PERIGO — Pesa sôbre o velho convento ameaça de demolição! Em março de 1962 a imprensa paulistana denunciava a terceira ou quarta tentativa séria visando, inicialmente, a mutilação do parque para aproveitamento comercial do terreno!

A área doada pelo Morgado de Mateus foi desmembrada em grande parte a partir de meados do século passado. Foi construído em terrenos do convento o antigo Seminário Episcopal, inaugurado em 1856 e do qual resta a sonolenta igreja de São Cristovão. O imponente quartel da Luz — que já foi um dos mais importantes do país — outros quartéis da Fôrça, propriedades particulares e ruas foram surgindo e reduzindo o patrimônio que Frei Galvão recebeu para levantar o seu convento. Felizmente, restou um pedaço do parque, povoado de religiosas e pássaros. É uma das áreas verdes da cidade. Aquêlê parque se não existisse, deveria ser organizado a bem da saúde pública.

A pretendida mutilação e conseqüente desaparecimento do Monumento Nacional da Luz — mosteiro e parque — seria um atentado à Lei e não teria nenhuma justificativa perante a opinião erudita ou popular. Para os católicos seria um verdadeiro absurdo, quase um sacrilégio; para o religioso de qualquer credo, o fim de mais uma cidadela da espiritualidade.

Cada um tem seu papel na defesa do convento de Frei Galvão: divulgar a importância do venerável casarão e prestigiar a ação patriótica do Patrimônio Histórico em zelar pela última relíquia paulistana. Amemos o Convento da Luz, na certeza de que o mesmo alcançará o 2.º centenário de existência «O amor é mais forte que a morte» e isto está escrito nas Sagradas Escrituras.

CSCS perde seu

Vitimado por pertinaz moléstia, faleceu o sgt. Carmim Sabadim de Oliveira, fundador e sócio n.º 1 do Centro Social dos Cabos e Soldados da Fôrça Pública. Dotado de um dinamismo invulgar, Sabadim sempre deixou de atender aos conselhos para tratar de sua saúde e o excesso de trabalho voluntário foi enfraquecendo seu organismo, até que a moléstia, impiedosa, o levou



SABADIM

sócio número 1

ao leito. Depois de tratamento prolongado, foi submetido a delicada intervenção cirúrgica, no Hospital Militar da Fôrça. Mas era muito tarde. A despeito dos esforços dos médicos, o paciente expirou dias depois.

Quem foi Sabadim

De família camponesa, Sabadim nasceu em Minas Gerais, em 24 de fevereiro de 1922. Desde cedo, viveu o drama dos trabalhadores rurais. Criança ainda, conheceu o trabalho árduo do camponês. Aos 18 anos, alistou-se no Exército e, no período da guerra, serviu em vários pontos do nordeste e em Fernando de Noronha. Naquele ilha permaneceu por mais de um ano. Ao obter baixa, em 1944, tinha um largo cabedal de experiência, adquirido nos duros tempos da guerra, que forjou seu espírito combativo.

O que observou em Fernando de Noronha e em todo o nordeste fê-lo pensar nas necessidades das praças e na solução legal para seus problemas.

Sabadim miliciano

1950 foi o ano de seu ingresso nas fileiras da milícia bandeirante. Era soldado novamente. Sentia os problemas da praça de pré e, tateando, procurava solucioná-los. Era preciso algo de novo em defesa dos milicianos. Não se sabia bem o que, mas a idéia surgiu lentamente e, aos poucos, foi-se concretizando, até se tornar a realidade viva do Centro Social dos Cabos e Soldados, atualmente com milhares de associados em todo o território estadual. Sabadim foi seu sócio n.º 1 e o primeiro presidente. Nascida de uma reunião com mais 12 praças, em julho de 1952, a nova entidade cresceu e solidificou-se. Mas, de início, a organização era difícil. Era um terreno novo, que muitos não acreditavam pudesse ser palmilhado. Sabadim teve que enfrentar o ceticismo e a má vontade gerais. Continuou a luta, aparentemente sem nenhum resultado positivo.

CSCS: obra irreversível

Passou-se um ano. Depois outro e mais outro. Uns riam dos esforços de Sabadim. Outros o criticavam acerbamente, ou mesmo procuravam impedir-lhe o sucesso. Entretanto, ele não desanimou. Lutou incansavelmente e, 5 anos depois o CSCS estava organizado. O funcionamento foi autorizado em 12 de março de 1957. A obra realizada tornara-se irreversível.

O fundador da entidade, que já era cabo, ingressou na Escola de Sargentos. Terminado o curso, foi promovido mas as novas divisas não o impediram de continuar ao lado dos cabos e soldados, que ainda precisavam de sua orientação, de sua experiência e dos ensinamentos que só ele podia ministrar.

Agora, os cabos e soldados da Fôrça Pública não mais podem contar com a colaboração de seu mais antigo companheiro. Mas a obra realizada está viva e produzindo frutos, dentro da ordem e da disciplina, como queria o sócio n.º 1 do CSCS.

Na trilha heróica dos "abas-largas"

PORTO ALEGRE, março — "Na trilha heróica dos Abas-largas" é o título de quatro reportagens, em série, de autoria dos jornalistas Souza Filho e Walter Broda.

A guisa de esclarecimento aos leitores de MILITIA, diremos os motivos que levaram êsses dois jornalistas a escreverem esta série de reportagens.

Souza Filho produzia um programa, que era levado ao ar, diàriamente, numa emissora local sob o título "Aventuras dos Abas-Largas". Programa de ficção, mesmo assim não deixava de ser uma promoção aos heróicos policiais da "campanha" gaúcha.

Com o objetivo de dar mais autenticidade ao programa radiofônico, o jornalista Souza Filho e o radialista Walter Broda resolveram seguir o comando volante dos "Abas-Largas", que atuava no município de São Gabriel. Passaram tóda sorte de sacrifícios, acompanhando todos os passos dêsse grupo de policias na luta contra o abigeato. De regresso, são êles próprios que retratam ao público tudo o que viram e o que passam os homens da Brigada Militar que servem em qualquer dos regimentos de Polícia Rural Montada.

O programa é, atualmente, de caráter verídico.

O PAMPA

DORME

TRANQUÍLO

À SOMBRA DOS "ABAS-LARGAS"

A VÁRZEA imensa como um tapete gigantesco e verde se estendia aos nossos pés. De beleza luxuriante, entrecortada aqui e all por um coxilhão azulado contra o céu, não parecia possível que abrigasse tantos problemas.

Mas, como veríamos logo depois, êsses problemas fazem parte da paisagem bonita do Rio Grande do Sul. Um problema que deixou de ser problema, para transformar-se numa ameaça, num perigo iminente. Numa área aproximada de 2 mil quilômetros percorridos por nós, sem que avistássemos um único representante da lei, germina um cancro que precisa ser extirpado — o abigeato. O Pampa, de tantas riquezas é um campo aberto ao roubo e ao assassinato. A falta

de condições de vida de uns, as facilidades encontradas por outros e a falta de policiamento preventivo, fazem com que germinem, cresçam e proliferem es grupos de bandoleiros e de abigeatários, que vão dominando pouco a pouco a região.

A finalidade

Nossa finalidade, ao deixarmos o conforto da cidade e nos lançarmos às agruras de uma viagem por zona íngreme, cheia de sol, de pó e de percalços de tóda natureza, era darmos ciência às autoridades competentes daquilo que sabíamos existir nas plagas mais escondidas do Rio Grande do Sul, mas não às portas da capital do Estado.

Éramos uma equipe de gente bem intencionada, que nada mais desejava do que verificar «in-loco» aquilo que já reproduzíamos em programa radiofônico mantido na mais poderosa emissora do sul do país. Porisso já estávamos: o Walter Broda, o Dionísio da Silva, o Rubens Dias e o Luís Carlos Neves, para colher e trazer para a capital a rudeza do trabalho na campanha, enfrentando os revezes de uma viagem longa, fatigante e enfadonha.

Primeiros contatos com a região

Nesse nosso primeiro contato com a região fomos colhendo farto material elucidativo do que nos propúnhamos fazer. A região toda apresentava um aspecto desparelho, com roças que prediziam fartas colheitas e outras logo em seguida que tinham a plantação queimada pela inclemência do sol. Um gado miúdo e de pequeno porte buscava, ao longo de todo um caminho local onde pudesse beber água, líquido precioso na região. Cêrcas reforçadas protegiam o mais que podiam o grande valor do gado (uma vaca comum custa aproximadamente 60 mil cruzeiros). No entanto, estas mesmas cêrcas, em grande parte do percurso, apresentam deficiências, precisando consertos (caríssimos, por sinal). Zona onde as casas mais próximas se distanciam quilômetros e quilômetros umas das outras, deixam à mercê dos bandoleiros e ladrões, a riqueza de sua

criação. As estradas embora estivessemos trihando-as em dia de sol, depois de grande estiagem, assim mesmo apresentavam um aspecto desolador. Pó, buracos, subidas e descidas, além da ausência de pontes resistentes que permitissem passagem despreocupada. Verdade seja dita que estão sendo construídas grandes pontes e que num futuro bem próximo isto estará solucionado.

O comércio do interior dos municípios

Encontramos raríssimos estabelecimentos comerciais que pudessem ser considerados fortes. A maioria não passa de bolichos que quase nada têm e o que possuem é caro. Com isso, a população das imediações é obrigada a recorrer ao comércio organizado das sedes municipais.

E então surge o problema maior. Se o homem que vive nesta região e possui recursos (uns têm dinheiro e outros terras que cultivam e de onde conseguem parte de sua alimentação) tem dificuldade em adquirir gêneros de primeira necessidade, os medicamentos, roupas e calçados, imagine-se a situação do soldado — o «aba larga» — que tem seus vencimentos quase sempre atrasados e que não tem recursos de qualquer espécie, que não pode se dedicar só ao cultivo da terra e à criação de aves. É uma situação de constrangimento que se transforma muitas vezes em tragédia.

O «Aba Larga»

E aí, justamente, que surge o «aba-larga», integrante da Brigada Militar e componente da Polícia Rural Montada. Este homem, destemido e viril, treinado especialmente para a vida do campo, é o protetor, o anjo da guarda da população pobre do interior gaúcho. Prestimos e profundamente apegado ao ideal abraçado, tem, sempre que possível, levado a proteção de sua autoridade para os cantos do nosso Estado. Poucos são os que conhecem de perto o trabalho de abnegação do aba-larga. Ele representa a autoridade nos confins deste Rio Grande do Sul tão grande. É quem polícia, quem assiste socialmente os necessitados, quem combate a praga do gado, quem fiscaliza a caça e a pesca do interior do Rio Grande do Sul. Sua figura legendária, divisada de longe,

representa uma esperança aos que dêle esperam proteção. É proteção para os ameaçados e uma ameaça para os fora da lei. Muitos têm colhido glórias e reconhecimentos nessa luta de bem servir. Outros, porém, têm perecido no cumprimento do dever. Mas, deixando de lado as suas deficiências de moradias (alguns moram em ranchos de lavoura cobertos de santa fé), suas dificuldades financeiras (outros não recebem há dois, três meses), a dificuldade do crédito (negado pela irregularidade do pagamento) e a falta absoluta de assistência social, moral e religiosa, estão sempre onde dêles se necessita, levando um pouco do que têm e distribuindo a certeza de que o seu trabalho é um trabalho elogiável, sob todos os aspectos.

O comando volante dos abas largas

Estávamos em São Gabriel, ponto semi-fixo do comando volante dos «abas-largas», que deveríamos acompanhar por alguns dias, verificando «in loco» as suas lutas, as suas dificuldades, o seu heroísmo e as suas deficiências. E, ali em São Gabriel, também era uma sede semi-fixa do roubo organizado do gado, da delinquência praticada pelos abigeatários, pelos bandoleiros aos grupos ligados, pelos arruaceiros que vinham daqueles fundos de campo e sertão para provocar desordens na cidade dos Marechais.

A primeira parte de nossa meta havia sido alcançada, a parte mais dura estava por vir. Nosso cicerone seria o comando volante dos «abas-largas» composto de três homens somente. O cap. Ortiz Morari Abiz, e os spts. Flávio Kramer de Lima e João Soares Filho. Homens arrojados e destemidos, especialmente para aquele serviço, aptos e corretos, distintos e cavalheiros, tinham a mesma personalidade marcante entre os tremedais dos banhados da região, como no desfile dos salões elegantes da cidade. De imediato, nos deparamos com a admiração dos habitantes daquela zona. Representavam para eles os batalhadores da antiguidade, com suas lanças sempre em riste, prontos a defender, mesmo a custo de suas vidas, o ideal abraçado. Homens integrados com força total na Brigada Militar, nas suas tarefas arriscam a vida 24 horas por dia, dando tudo de si pela salvaguarda dos direitos dos homens daquela zona, suas riquezas, seus rebanhos, suas casas e sua segurança.

O triângulo do abigeato

As quadrilhas que operam no roubo do gado são tremendamente maliciosas e organizadas. É comum ouvirem-se pelas emissoras locais, dedicatórias musicais que fazem parte de um código existente entre os componentes da quadrilha e que permite a localização dos «abas-largas» e suas atividades. Outra modalidade usada é a do reflexo de espelhos transmitidos de coxilha em coxilha assinalando a passagem do jipe que conduz a volante. E, porisso mesmo, ao procederem uma batida numa determinada zona, encontram o acampamento abandonado e os bandoleiros desaparecidos. Mil ardis e despistes são usados. Ardis e despistes que precisam ser modificados, cada dia. Os quadrilheiros têm mil olhos, mil ouvidos e mil meios de identificar o trabalho do «aba-larga».

Na região onde começaríamos o nosso trabalho propriamente dito, está localizado o triângulo do abigeato. Esse triângulo compreende os municípios de São Gabriel, Cacequi e Rosário do Sul. Os roubos havidos num município eram vendidos no outro e vice-versa.

Esta zona precisa dum patrulhamento intensivo e contínuo. Um policiamento que indique a atenção e a vigilância dos «abas-largas» e que não lhes permita ficarem descansados. Sempre existe o temor de uma batida por parte dos volantes. Podem vir no seu jipe azul, numa camioneta rural, a cavalo com uma tropa de gado pela frente, ou disfarçados em simples carreteiros. É um trabalho que exige sangue frio e ten-

dências artísticas para que não venham a ser descobertos. Para a malícia é pre-

ciso usar a malícia. Para o ardil é preciso usar a artimanha.

Um pouco antes do início

A carne chiava no fogo e o mate corria de mão em mão, como china de campanha. Os grilos assanhados comandavam a ópera da noite, trilhando mil epítos. A conversa era pouca porque o cansaço era muito. Mesmo assim os fiapos de coisas velhas, como rendas antigas, eram tecidos pelas gargantas meio ocupadas com o chimarrão. Conversa meio sem serventia, como enfeite em canga de boi. Nós, os visitantes, ouvíamos tudo. E eram pequenos os nossos sentidos para guardarmos tudo aquilo. Era uma sinfonia nova, onde o trilar do grilo, o chiar da carne, o ronco da bomba no fundo da cuia e o bufido dos animais se misturavam insistentes à conversa.

A lua não nos viu aquela noite. Saira mais tarde. Nós dormíamos mais cedo.

REVOLUÇÃO!

No próximo número

noticiário da participação

dos brigadianos gaúchos

no movimento irrompido em 31 de março

a cargo do cap. João Aldo Danesi

da Brigada Militar

Seringueiro flechado volta restabelecido

Roberto Alves de Lima, seringueiro flechado por índios, voltou à Amazônia, depois de tratado em São Paulo. O redator de MILITIA, cap. médico Plirts Nebó, como chefe de Assistência Social do Palácio dos Campos Eliseos, levou-o ao governo do Estado, após a cura, para fornecer-lhe passagem de volta. Assim, o seringueiro voltou, como era de seu desejo.

Roberto trabalhava num seringal de Rio Formoso, em Rondônia, quando os índios pacaás novos desfecharam um ataque contra os que ali se achavam, do que resultaram várias vítimas. Seu pai e sua madrasta fôram mortos e êle mesmo atingido no olho direito por uma flecha. O ferimento foi considerado mortal. Mas, dotado de invejável resistência física, o seringueiro não se deixou vencer. Não havendo recursos para a cura na região, vendeu o que tinha e, com espôsa e filha de dois meses, varou o Brasil de norte a sul, vindo procurar salvação em São Paulo. Com o olho vasado, foi internado no Hospital das Clínicas e, posteriormente, removido para o Hospital São Paulo, onde especialistas o submeteram a delicada intervenção cirúrgica. A despeito das dificuldades, a operação foi coroada de êxito e, após a cicatrização, o paciente tratou de providenciar o regresso.

— «Sou seringueiro — dizia êle — como meu pai e meu avô e preciso voltar para Rio Formoso». Gostou de São Paulo, onde sua vida foi salva e acha que foi muito bem tratado, só não gostando do frio. «Mas nasci mesmo — dizia — é pra seringueiro». E, por intermédio do Serviço de Assistência Social, voou para Manaus, retornando ao meio de onde viera.

Monumento ao apóstolo no Jaraguá

Como parte das comemorações de 25 de janeiro do corrente ano, data em que se festejou o 410.º aniversário de fundação da capital bandeirante, o governador Adhemar de Barros lançou a pedra fundamental do monumento ao apóstolo São Paulo, a ser erguido no pico do Jaraguá. Naquela ocasião s. exa. proferiu o seguinte discurso:

São Paulo nasceu sob a inspiração do apóstolo dos gentios, formou o seu povo na tradição cristã, cinzelou a sua alma cívica nas arrancadas épicas das Bandeiras, que fôram a primeira mensagem brasileira de Piratininga, acordando os sertões da pátria, onde hoje floresce a nossa civilização.

Nascido para o Brasil, já na guerra dos Emboabas, São Paulo marcava na bravura da sua mulher, na coragem dos seus filhos, o anseio do comando brasileiro do nosso direito de decidir os nossos destinos.

Sempre que a prepotência ou o anseio de domínio quis subjugar a índole bravia da gente brasileira, São Paulo ergueu a sua voz cívica e firmou a sua presença permanente. Aqui se deu o grito do Ipiranga, para que, nos alcássemos em nação livre e soberana.

Sob a inspiração do apóstolo São Paulo, o nosso povo escreve, nas páginas da vida brasileira, a mensagem da verdade, como São Paulo divulgava o cristianismo como a verdade eterna que o divino Nazareno trouxe ao mundo.

Sempre que o Brasil precisou da abnegação, do patriotismo e da coragem moral dos bandeirantes, São Paulo se apresentou para defender a lei, a ordem e a justiça, escrevendo páginas de bravura nas trincheiras de 32, que restituíram ao país as bases constitucionais, sem as quais nenhum povo livre pode levar avante o seu progresso.

Nas ciências e nas artes, por seus músicos, seus pintores, seus médicos, engenheiros, cientistas e literatos, São Paulo tem contribuído para o desenvolvimento do país, da mesma forma brasileira como o fez através das suas arrojadas Bandeiras.

Na fé e no devotamento aos ensinamentos de Cristo, como o maior conglomerado católico do país, São Paulo também se apresenta no cenário nacional como uma reserva moral para estes atormentados dias.

Na economia pátria, a sua pujança se faz notar sem imposições ou recla-

mos de retribuições, mas também como contribuição de brasilidade, ampla, aberta e magnânima.

Nós, os paulistas, se nos orgulhamos da cidade gigante, do valor dos nossos empreendimentos, alimentamos na alma o mais santo orgulho, que é o de falarmos sempre em termos de Brasil, abrindo os nossos braços para toda a nação e criando, aqui, um centro vital de nacionalismo autêntico, verde-amarelo, puro e nobre, de brasileiros para todo o país.

Por isso, podemos afirmar que, ao levantarmos aqui a barricada cristã da democracia, fizemo-lo porque sentimos o palpar dos corações brasileiros de todas as latitudes e longitudes pátrias, porque aqui temos a vivência valorosa e edificante do norte, do sul, do centro, de leste e oeste, vivificada pela contribuição dos povos amigos de outras nações que nos enviaram filhos seus, já transformados em brasileiros tão autênticos como os que mais o sejam.

São Paulo é a encruzilhada de todos os caminhos do Brasil melhor que sonhamos, porque o nosso apóstolo tem sido pródigo em bênçãos amplas capazes de beneficiar não apenas a nós, mas a nação inteira.

São Paulo, por sua tradição cívica, por sua história luminosa, por seus feitos e o seu anseio permanente de elevar o Brasil, é e há de ser, para todo o sempre o elemento catalizador da vitalidade nacional, seja ela material, econômica, científica, artística, moral ou espiritual.

Por isso, ao cumprimentar hoje o meu povo, nesta data gloriosa de 25 de janeiro, reafirmo os meus propósitos brasileiros de continuar a luta, que não é minha, mas da consciência mesma do São Paulo eterno, que tanto amamos, em defesa permanente e intransigente das nossas tradições e do nosso anseio de ordem e de progresso.

Para a frente, São Paulo!

Para o alto, Brasil!

Hora da decisão: Fôrça Pública ergueu-se como um único homem

Perante 3500 milicianos da FP, o governador Adhemar de Barros realçou o papel da corporação no movimento desencadeado em 31 de março último. Assim é que, no campo do Canindé, os componentes da milícia, em 8 de abril do corrente ano, ouviram a palavra do chefe do Executivo bandeirante.

"Na hora da decisão, quando tudo era incerto, quando não sabíamos se teríamos de lutar dentro de casa para defender as nossas mais sagradas liberdades, não houve um único homem da Fôrça Pública que fugisse ao dever e que não estivesse disposto ao derradeiro sacrifício pela preservação da democracia em nossa terra.

A Fôrça Pública levantou-se como se fôsse um só homem, correspondendo à confiança sem limites que nela deposita o governador e o povo paulista. Este é o meu orgulho, o orgulho de São Paulo."

Bravos! Vocês foram aquilo que esperávamos, souberam interpretar os anseios de São Paulo e da Pátria. A luta porém, não está terminada e não ensarilharemos as armas. Estamos pelejando contra os que, no Brasil e no

mundo, não fazem outra coisa senão destruir as liberdades humanas, escravizando os povos e as nações. Vocês, soldados do brigadeiro Tobias, foram e continuam sendo o suporte da ordem, a garantia do cumprimento exato da lei."

A seguir, afirmou que "o nosso dispositivo militar fêz abortar a revolução comunista que já estava nas ruas. Os documentos apreendidos nestes dias, revelam que nós nos antecipamos a onda vermelha apenas por duas ou três semanas.

Finalizando, sublinhou o governador "Enquanto eu puder contar com a lealdade, a disciplina e o espírito de abnegação da Fôrça Pública, que nunca me faltou, o povo poderá estar tranqüilo, trabalhando em paz, porque as suas liberdades e as suas crenças não serão traídas".

MILITIA representa as aspirações dos policiais militares brasileiros, visando os legítimos interesses do povo. Você, leitor civil, leia-a e divulgue-a. O público tem direito de conhecer os milicianos que devem defendê-lo.

Fala o comando

O gen. de div. João Franco Pontes, comandante geral da Fôrça Pública, pronunciou públicamente, na noite de 31 de março, uma proclamação a seus comandados.

Meus comandados. Fôrças totalitárias acobertadas como «nacionalistas» tentam, neste instante, incentivadas por elementos comprometidos com o comunismo internacional, levar o nosso país ao estado de caos, caos êste que procedeu a tôdas as ações de domínio do mundo soviético. A fim de que o espírito democrático da nossa Pátria não se veja comprometido por tal aviltamento, a Fôrça Pública do Estado de São Paulo, coerente com o pensamento do govêrno do Estado, está inteiramente solidária à transcendente decisão que acaba de tomar s. excia. o comandante do II Exêrcito, de considerar esta grande unidade em estado de rebeldia contra os elementos que procuram, nesta hora grave, levar o país a uma ditadura de caráter nítidamente comunista. Chegou, pois, companheiros da Fôrça, o momento de honrarmos o passado e as tradições gloriosas de nossa corporação. Nossas famílias, nossa religião e nossa liberdade estão em perigo. Fiéis às nossas tradições, unidos, coesos e conscientes da grave atitude assumida, tudo faremos para mais uma vez ver prevalecido o respeito incondicional à Constituição, à ordem e portanto, à legalidade, a qual defenderemos com o sacrifício da própria vida.

— «Vigilantes, recolhidos aos quartéis, porém de armas não ensarilhadas mas em punho, aqui estaremos para cumprir nosso dever.» Assim se expressou o gen. Artur da Costa e Silva, ministro da guerra, por ocasião da visita ao QG da Força Pública, em 25 de maio findo. No dizer de s.exa., é a maneira de se conduzir o país a seus destinos. «Prometemos — afirmou — cumprir esse desiderato.»

Ministro da Guerra na FP: Vigilância de arma na mão

E acrescentou: «Sou o mesmo tenente de 1922, o mesmo capitão de 1930, o mesmo coronel de 1945, agora general, o mesmo homem disposto a defender sua pátria sempre que necessário.»

«O povo exige»

Esclareceu ainda o visitante: «o povo exige que o país seja salvo definitivamente da demagogia, da corrupção, da subversão». Por isso, «está nas mãos dos homens de armas que tal aconteça». «O Brasil dos dias atuais, próximos e futuros terá um governo sem demagogia, sem corrupção que corrói as almas, sem a demagogia que perturba».

O gen. Costa e Silva referiu-se às palavras do comandante geral da milícia, publicadas adiante, ressaltando: «Realmente, os 56 dias que decorreram desde a derrota do governo demagógico e subversivo, assinalam, por si sós, que o Brasil entrou definitivamente numa nova fase de sua existência».

A visita

O ministro chegou ao quartel da corporação por volta das 16 horas, sendo recebido pelo comandante geral, gen. João Franco Pontes, depois de passar em revista a tropa do Batalhão de Guardas, formada em sua homenagem.

O titular da pasta da Guerra cumprimentou a oficialidade que lhe foi apresentada, individualmente, na forma regulamentar e consignou no livro apropriado suas impressões: «Foi um prazer e uma grande honra visitar o QG da gloriosa Força Pública paulista. Colho a melhor impressão desta visita e aqui expresso a minha satisfação».

S.exa. foi saudado pelo comandante geral da FP, que destacou o sentido da visita e a importância do movimento de 31 de março no panorama político nacional. O ministro agradeceu as palavras do gen. Franco Pontes, com o discurso já mencionado.

Em seguida, o gen. Costa e Silva deu prosseguimento a seu programa de visitas em São Paulo. S.exa., logo depois do desembarque no aeroporto de Congonhas, estivera no QG do II Exército e no quartel da 2.ª Divisão de Infantaria, de onde se deslocara para percorrer o núcleo residencial do Clube dos subtenentes e sargentos do II Exército, em construção. A seguir, comparecera a um almoço oferecido em sua homenagem no quartel do 4.º RI de Quitaúna. As 18 horas, esteve no palácio do governo e, mais tarde, no Automóvel Clube, bem como num coquetel oferecido pelo gen. Amauri Kruehl e num jantar servido no Jóquei Clube. Na noite seguinte, s.exa. concedeu uma entrevista a uma rede de emissoras de rádio e televisão.

Gen. Franco Pontes: FP unida e coesa com EB

O comandante geral da Fôrça Pública, gen. de div. João Franco Pontes, saudou o visitante, afirmando: «A Fôrça Pública continua unida e coesa, pela vontade de seus chefes, lado a lado com o Exército Nacional, e em particular com o II Exército, posição que adotou sem a menor hesitação, através de singelo manifesto, porém traduzindo a imensa confiança na Revolução, de que estavam animados oficiais, graduados e soldados, na memorável noite de 31 de março».

Mais adiante acrescentou: «Exmo sr. general. Os laços que unem a Fôrça Pública ao Exército são antigos e vigorosos. Desde 1932 até os dias atuais, durante os quais v.exa. se constituiu em figura central e decisiva, a milícia paulista, ontem como hoje, permanece associada e integrada no organismo militar brasileiro, como participante dos mais importantes acontecimentos e campanhas. A história de São Paulo e do Brasil aí está para comprová-lo, nas suas páginas mais ricas de significação.

Papel das fôrças armadas

Na presente conjuntura nacional cabe às fôrças armadas e às fôrças auxiliares perseguir o mesmo objetivo, aquêle que mais seguramente conduzirá ao fortalecimento do Brasil e a sua preservação diante dos perigos resultantes dos fatores adversos que afetaram o país. Essa identidade de perspectiva, deve propiciar uma compreensão, profunda e reciproca e — esteja certo, sr. ministro e srs. generais — que os homens herdeiros do grande patrimônio que é a Fôrça Pública não esquecerão a gloriosa herança que lhes foi legada.

Esteja convencido de que todos pensam uniformemente, sôbre a necessidade de permanecermos em estado de alerta, isto porque, da espécie de inimigos que ora enfrentamos, tôda ação traiçoeira se poderá esperar. Será sempre preferível exceder-mo-nos nas nossas vigílias, em medidas coercitivas, a sermos surpreendidos, seja por omissão, seja por repousarmos sôbre os louros da vitória.

Disciplina e renúncia

Senhor ministro! Honra-me ser comandante geral da Fôrça Pública, pelas suas tradições e pelo valor dos seus homens. Valor incontestável e comprovado no dia decisivo para a democracia brasileira, que foi 31 de março. Valor traduzido pela maneira altamente dignificante com que todos os componentes da corporação se conduziram na emergência, demonstrando espírito de disciplina e de renúncia fora do comum, permitindo que, com precisão e rapidez — cumprindo instruções e ordens do Estado Maior da Fôrça Pública — a manhã do dia 1.º de abril encontrasse inteiramente desdobrado o dispositivo policial no território estadual, dando margem a que o II Exército mantivesse o ritmo de suas operações e a paz e a tranquilidade reinassem no Estado.

56 dias

Senhor ministro. São animadoras as perspectivas, tanto no setor empresarial quanto no campo operário, notando-se que a conjunção de esforços, da boa vontade e da consciência patriótica de todos, despertará a confiança no governo que v.exa. representa, pelos seus bons propósitos e alta qualidade moral. 56 dias sem demagogia e sem agitação já forneceram resultados auspiciosos, que nos autorizam a esperar, plenos de esperança, dias de progresso e de grandeza para a nossa Pátria».

E concluiu manifestando a esperança de que «a Fôrça Pública, trabalhando lado a lado com o Exército, possa contribuir com o seu esforço para a paz e o progresso do Brasil».

LEITOR! — MILITIA espera suas críticas e sugestões.

Do que você mais gostou nesta edição? Não gostou de nada?

Escreva para MILITIA, contando-o.



Direção: ten cel Francisco V. Fonseca

ALAGOAS

CORDIALIDADE MILICIANA

Cadetes pernambucanos visitam Maceió e convidam governador para patrono

Esteve em Maceió, a fim de convidar o governador para patrono de sua turma, uma delegação pernambucana, constituída pelos cadetes Marco Aurélio Barros Soares, Geraldo Targino Sampaio e do ten Sebastião Rufino Ribeiro, que a chefiou.

Os milicianos de Pernambuco compareceram a palácio acompanhados do major Serafim Dutra e dos cadetes alagoanos André Costa, Fernando Teodomiro Lima e Otávio Pereira de Albuquerque.

Vale notar que o ten Sebastião Ru-

fino Ribeiro é também juiz de futebol, tendo sido eleito o árbitro do ano (1963), pela crônica esportiva do Recife.

BANDA DA PM JÁ TEM LP

Gravado no Recife, foi lançado com solenidade

Em solenidade realizada no quartel da PM, no dia 25 de janeiro último, em Maceió, evidenciando o grau de cultura e de progresso dos milicianos alagoanos, foi realizado o lançamento do disco em *long play* "Melodias Sublimas" gravado no Recife, com músicas executadas pela Banda de Música da Polícia Militar, sob a regência do 1.º ten Alfredo Silva.

O ato, que foi presidido pelo cel Nilo Floriano Peixoto, comandante da milícia, constando com a presença da imprensa escrita e falada, autoridades locais, oficiais da PM e convidados.

Fala o cel Nilo

Depois de ter aberto a solenidade, falou o comandante Nilo Floriano Peixoto sobre o relevante papel que as Polícias Militares desempenham na sociedade. Concluindo, elogiou o papel da imprensa nas grandes causas da vida nacional e agradeceu a cobertura que os jornais de Maceió vêm dando à sua administração, inclusive dando realce ao feito da Banda de Música de sua corporação.

CEARA

CORONEL MÁRIO RAMOS (EXÉRCITO) É O NOVO COMANDANTE

Assumiu o comando da PM cearense, no dia 22 de janeiro último, o cel Mário Ramos, (EB) a convite do governador Virgílio Távora, em substituição

ao cel Cristóvão Holanda, que exercia interinamente aquêlê cargo e que agora passou à inatividade.

Estiveram presentes ao ato de posse o governador do Estado, os secretários do Interior e Justiça e de Polícia e Segurança Pública, além de outras autoridades civis e militares.

NOVOS CABOS DA PMC

Teve lugar no Grupamento Escola Edgar Facó, em Antônio Bezerra, na capital cearense, no dia 18 de março último a solenidade de entrega de certificados a 76 novos cabos da milícia.

Ao ato estiveram presentes o comandante Mário Ramos, representante do govêrno, o presidente da Assemblêia Legislativa e outras autoridades.

CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS

Estêve bastante concorrido, no ano em curso o ingresso na Escola de Oficiais da milícia, com a apresentação de candidatos em número bastante superior às vagas existentes. Os candidatos aprovados nos exames intelectual, psicológico, médico e físico, farão curso de quatro anos, findo o qual serão declarados aspirantes a oficiais.

São condições para matrícula: possuir curso ginásial ou equivalente e ter idade entre 17 a 25 anos; os portadores de certificados de conclusão do científico ou equivalente, poderão matricular-se no segundo ano do curso.

BAHIA

RÁDIO PATRULHA PARA SALVADOR

10 Viaturas: 5 para a PM e 5 para a GC

A capital baiana conta agora com

nôvo equipamento de segurança: a nova rádio-patrolha, constituída por uma frota de 10 veículos, distribuídos pela metade entre a Polícia Militar e a Guarda Civil.

O ato de inauguração contou com a presença do governador Lomanto Júnior, tendo lugar no edifício da secretaria de Segurança Pública, de onde o chefe do govêrno falou com tôdas as viaturas, através da torre central.

Depois de exortar os patrulheiros os cumprimentos fiel das instruções recebidas dos seus superiores, o governador Lomanto Júnior disse que o êxito dos serviços da RP depende exclusivamente dêles próprios, acrescentando que é desejo do executivo estender os seus serviços ao interior do Estado. "Segurança Pública não é o povo tângido das ruas e sim famílias tranqüilas em seus lares" — disse o governador.

CRIADA A GUARDA FLORESTAL

65 homens sob a direção da PM

Sessenta e cinco homens comporão a Guarda Florestal, incumbida da vigiância e proteção dos mananciais de água dos municípios de Salvador, Candeias, São Francisco de Conde e Camaçari.

O decreto de sua criação foi assinado pelo governador Lomanto Jr, em fins de fevereiro último, considerando que os elementos de proteção atualmente existentes para aquêles mananciais são quase nulos e que a presença de invasores nas adjacências dos reservatórios, com maior ou menor desenvoltura, ameaça as condições de saneamento e salubridade das águas.

A Guarda Florestal está subordinada à PM, cabendo o seu comando a um oficial da corporação.

PROMOÇÃO DE OFICIAIS

**Edson e Carneiro são coronéis:
Genival, ten cel**

Por decreto de março último, o governo estadual promoveu os seguintes oficiais do quadro das armas; a contar de 1.º de janeiro: a coronel: Edson Franklin de Queirós, Durval Tavares Carneiro, e João Adolfo da Silva; a ten cel: Genival de Freitas, Antônio Factum Pita, Valdemar dos Santos Lima e Nestor Tavares da Silva; a major: José de Oliveira Andrade, Wilton Sodré Gonçalves, Elpidio Albuquerque de Cavalcanti, Walter Alves Guimarães, Geter Marques de Miranda e Diógenes Ribeiro de Aencar; a capitão: Vitalino Gonçalves da Silva, Rivas Queiroz de Souza, Domingos José de Oliveira Correia, Dilson Moreiran Rios, Diógenes Pereira Cohim Moreira, Carlos Sinfrônio de Almeida, Gildo Ribeiro, João Batista Reis de Souza e José Antonio da Silva Lopes: Foram ainda promovidos 30 2.ºs tens a 1.º ten e 29 aspirante a 2.º ten, cujos nomes, infelizmente, não vieram às nossas mãos.

Entre os oficiais intendentés, foram promovidos: a ten cel: José Eloy de Carvalho e Segismundo Rodrigues de Melo; a major, Natanael dos Santos Pereira; a capitão, Gildele Batista de Aguiar; a 1.º ten, Edilberto da Silva Santana.

DISTRITO FEDERAL

OPTANTES VIRÃO COMO VOLUNTÁRIOS

Será aproximadamente de 120 o total de optantes pelo Serviço Público Federal, oriundos dos quadros da PM e do CB do antigo Distrito Federal, que integrarão as respectivas unidades, em Brasília.

De acôrdo com a decisão do Grupo de Trabalho designado para a solução do problema dos optantes, somente irão para a Novacap os voluntários. Se o número destes for superior ao número de vagas na PM de Brasília, os excedentes somente serão transferidos à medida que houver vagas naquele órgão da capital.

Em comemoração ao 21 de abril

BATALHÃO DA PM MINEIRA DESFILOU

Um dos pontos altos das comemorações do 4.º aniversário de Brasília foi o desfile militar com a participação de tropas federais e do 5.º Batalhão de Infantaria da PM de Minas Gerais, que para aqui foi destacado em cumprimento a missão que lhe foi confiada pela revolução de 31 de março.

GUANABARA

ARGÉLIA SE INTERESSA PELOS UNIFORMES DA P M

Atendendo a uma indagação, o comandante da PM disse que a sua milícia está em condições de atender ao pedido do primeiro ministro Ben Bella, da Argélia, enviando-lhe o modelo dos seus sete uniformes, considerados pelo governo argelino como ideais para o clima do seu país.

Entretanto, nada de oficial existe quanto àquela remessa de uniformes, cujo interesse, segundo o comando da PM, foi manifestado apenas à imprensa.

NOVO COMANDO PARA OS OPTANTES

O presidente Ranieri Mazilli por ato de cinco de abril nomeou o ten cel Alcides José da Costa para comandar o Grupo de Optantes do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, em substituição ao ten cel Darci Fontenelle de Castro, exonerado do cargo.

J K VISITA TROPAS MINEIRAS

O senador Juscelino Kubitschek (coronel da PM mineira) visitou, no dia 4 de abril acompanhado pelos ceis Atanó Heliodoro dos Santos, Nélcio Cerqueira e Dilermando Silva, foi ao estádio do Maracanã, para visitar os componentes do 2.º BI da Polícia Militar de Minas Gerais, ali aquartelado, sob o comando do cel Antônio de Pádua Falcão.

Aquela unidade da milícia de Minas Gerais é integrante da coluna comandada pelo gen Andrade Murici, da 4.a RM, e que seguiu ao Rio em função do movimento de 31 de março.

DELMONDES RENUNCIOU

Declarando-se impotente para evitar a transformação em comício político, da festividade do 40.º aniversário de fundação da Associação dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar, em contraposição às disposições estatutárias o subtenente José De'mondes de Souza renunciou, em termos irrevogáveis, no dia 16 de abril último, à presidência daquela entidade.

GOVÉRNO DOBROU OS VENCIMENTOS DA P M E DO C B

Por decreto do governador da Guanabara, de 18 de abril, foi concedido

aumento de 100% ao pessoal da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, a partir do dia 1.º de abril. O citado aumento, que não será incorporado aos atuais vencimentos, vigorando até a data da aprovação dos novos níveis do CVV das Forças Armadas, em exame no Congresso, de vez que as duas corporações estão vinculadas diretamente ao regime daquele Código.

Com este aumento, passou a ser esta a remuneração do pessoal daquelas milícias: recruta e bombeiro de 2.a 32.500; soldado e bombeiro de 1.a, 36.000; cabo, 47.200; 3.º sargento, 76.000; 2.º sargento, 82.000; 1.º sargento, 88.000; subtenente, 96.000; cadete, 76.000; 2.º ten 119.000; 1.º ten, 130.000; capitão, 142.000; major, 156.000; ten cel, 170.000; coronel, 180.000.

ESPÍRITO SANTO

NICANOR É NOVO COMANDANTE

Por decreto de 18 de março, o governador Francisco Lacerda de Aguiar nomeou o cel Nicanor Alves dos Santos para o comando da Polícia Militar, substituindo o cel Aristides Pereira. Para a chefia de Polícia, que vinha sendo exercida pelo cel Nicanor Alves dos Santos, foi nomeado o cel Macêdo Andrade, ex-chefe da Casa Militar do governo estadual e ex-delegado de polícia de Cachoeiro do Itapemirim.

FÊZ ANOS A P M

A milícia capixaba comemorou, no dia 7 de abril, o seu 129.º aniversário de fundação. Vários festejos assinalaram a passagem da efeméride, destacando-se, entre eles, uma apresentação artístico-musical da Banda de Música da corporação no Teatro Carlos Gomes.

"NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS" registra a investidura do cel. Nicanor à frente da milícia espirito-santense de maneira muito grata, de vez que o referido oficial superior, líder incontestado dos milicianos capixabas tem sido o companheiro assíduo, e combativo, teimoso defensor da causa das Polícias Militares. Boa sorte, cel Nicanor!

MARANHÃO

PELA EQUIPARAÇÃO

A Polícia Militar, através de sua oficialidade, tomou posição, desde fevereiro último, em favor da equiparação dos vencimentos das PP MM ao Exército movimento que contou com a iniciativa de dep José Sarney, que nesse sentido desenvolveu intensa campanha.

A oficialidade da PM, por unanimidade, em face do silêncio do governador sobre o assunto, (ao contrário de outros governadores do Nordeste), cabografou diretamente ao sr presidente da República, solicitando aprovação da medida.

A presença dos oficiais maranhenses na luta pela equiparação representa uma nova etapa para a vitória da causa que visa a dar melhores condições de vida e de trabalho para os integrantes das Polícias Militares.

Já em março haviam sido concluídos os entendimentos entre a União e o Maranhão, com vistas para a complementação dos vencimentos do pessoal.

MATO GROSSO

ELEVADA A ETAPA

da PM.

A Assembléia Legislativa Estadual, em sessão de 11 de março último, apro-

vou a mensagem do governador do Estado, propondo o pagamento da etapa devida ao pessoal da Polícia Militar, na base de 7.500,00 cruzeiros mensais, o que representa um aumento e a correção de uma lei omissa sobre o assunto.

MINAS GERAIS

PM VENCE NA ASSEMBLÉIA

Aprovado Estatuto da PM Milícia

Desde o início do ano em curso, conta a PM com a vigência do novo Estatuto, cuja aprovação foi recebida com grande euforia pelos seus elementos. Luta difícil — mas não tão dramática quanto àquela da inclusão da Guarda Civil na Constituição Estadual — valeu como uma compensação pelos seus últimos infortúnios. A nova Lei concede uma série de vantagens aos milicianos de Tiradentes, que tiveram praticamente atendidas quase todas as suas reivindicações. Das inúmeras vantagens alcançadas, a principal foi a equiparação à Polícia Civil, assim esquematizada:

1 — O Comandante Geral da Polícia Militar perceberá vencimentos de Secretário de Estado;

2 — O Chefe do Estado-Maior da PM receberá 95 por cento dos vencimentos do Comandante;

3 — O Coronel é equiparado a delegado auxiliar, com vencimentos de Cr\$ 168.400,00;

4 — O Tenente-Coronel perceberá 90 por cento dos vencimentos do Coronel;

5 — Major receberá 90 por cento dos vencimentos do Tenente-Coronel;

6 — O Capitão é equiparado a delegado de terceira classe, com venci-

mentos de Cr\$ 124.416,00;

7 — O 1.º Tenente a delegado de segunda classe, vencimento de Cr\$ 112.320,00;

8 — O 2.º Tenente a delegado de primeira classe, com vencimento de Cr\$ 98.496,00;

9 — Aspirante a oficial e Subtenente a escrivão de Policia de classe especial; vencimento de Cr\$ 60.456,00;

10 — 1.º Sargento a escrivão de terceira classe, vencimento de Cr\$ 53.232,00;

11 — 2.º Sargento a escrivão de segunda classe, vencimento de Cr\$. . 49.632,00;

12 — 3.º Sargento a escrivão de primeira classe, vencimento de Cr\$ 45.552,00;

13 — Cabo e corneteiro-tamborista a Guarda-Civil de segunda classe;

14 — Soldado a guarda civil de primeira classe;

15 — Recruta, perceberá 80 por cento dos vencimentos de soldado.

Além disso a Policia Militar ainda terá outras vantagens.

REAÇÃO

A Policia Civil, principalmente os delegados, não recebeu com satisfação a equiparação da Policia Militar e dizem que foram prejudicados. Alegam que, além dos vencimentos, os militares ainda têm outras vantagens e que os mais graduados ganharão quase o dôbro dos delegados.

Durante a tramitação do projeto que beneficiou a Policia Militar, a Policia Civil tentou introduzir algumas emendas. Contudo, as principais foram rejeitadas. Foi uma luta surda na Assembléia, porque de um lado elementos da Policia Militar estavam vigilantes para impedir que a Policia Civil enxertasse

o projeto. Do outro lado, os dirigentes das associações que congregam os elementos da Policia Civil insistiram junto aos deputados em suas pretensões. Contudo a orientação adotada pelo bloco da maioria foi contrária à Policia Civil.

A P M E A REVOLUÇÃO DE 31 DE MARÇO

Foi amplamente noticiada a participação da Milicia de Tiradentes nos acontecimentos politico-militares que agitaram o país, culminando com a deposição do govêrno da República. Tudo foi dito à Nação, por via dos veículos de informação de que o mundo moderno dispõe: imprensa, rádio, televisão. Merece destaque a entrada em cena de unidades da PM mineira, deslocadas para fora do território estadual, além da circunstância da milicia se achar inteiramente integrada no movimento deflagrado no seu Estado, dispensando quaisquer outros comentários.

Assim, registramos a presença do 2.º BI na Guanabara, para onde seguiu como integrante da Coluna Tiradentes, comandada pelo gen Andrade Muric.; em Brasilia, os 10.º Batalhão de Infantaria, de Montes Claros, e uma Cia. do 7.º BI, de Bom Despacho, constituíram na espinha dorsal do sistema policial-militar do Distrito Federal. As tropas mineiras permaneceram na Novacap por um longo periodo, a pedido próprio das autoridades militares, embora fôsse considerada definida em apenas 48 horas a mudança do govêrno da Nação, pela ação politico-militar.

COLÉGIO TIRADENTES SE EXPANDE

Anexos em cidades do interior

Uma das preocupações do atual co-

mandante da PM, cel José Geraldo de Oliveira, é a expansão do Colégio Tiradentes (notável empreendimento educacional e cultural dos milicianos mineiros), através da instalação de anexos em diversas cidades do interior do Estado: Uberaba Diamantina, Barbacena, Bom Despacho e Juiz de Fora foram ou serão dotadas de anexos daquele estabelecimento mantido pela Polícia Militar, fazendo com que as matriculas se elevem a cêrca de 9.000 alunos.

Em Uberaba

Instalado provisoriamente no Grupo Escolar "Uberaba" e já funcionando com a 1.a série ginasial, a partir de 1965 funcionará em prédio próprio, no bairro do Fabrício.

Em Bom Despacho

Criado o Anexo VII, desde o início do corrente ano estão em funcionamento os cursos ginasial e científico.

NOVA DIRETORIA PARA O CLUBE DOS OFICIAIS

Eleita no dia 15 de março último, para o biênio 1964/65, já tomou posse a nova Diretoria do Clube dos Oficiais da PM, tendo à frente o cel Milton Campos, que obteve a totalidade dos votos apurados para a presidência.

Os demais membros: 1.º vice-presidente, cel José Ortega; 2.º vice, major Ellos Pires de Carvalho; 1.º secretário, cap Fulgêncio dos Santos Neto; 2.º secret., cap Eudes Batista de Almeida; 1.º tesoureiro, 1.º ten Armando Ramires de Brito; 2.º tesoureiro, cap Francisco de Oliveira Marino; diretor dep. cultural, major Sebastião Viana; diretor dep recreativo Jaci Praxedes; diretor dep. esportivo, ten Geraldo Ferreira Diniz; orador, cap Ari Braz Lopes.

PARÁ

MÉDICOS PARA A P M

Desde abril último, conta a Polícia Militar com a colaboração de quatro novos médicos. São eles, os doutores Heildeberg Rodrigues (clínica geral), Osnar Bahia (clínica obstétrica); José Alves dos Reisn (clínica cirúrgica) e Lobato de Abreu (clínica otorrinolaringológica).

PARANÁ

SONHO DO CEL POMBO JÁ É REALIDADE

A Vila Militar da milícia paranaense tem como seu idealizador o fundador e seu atual comandante, cel Orlando Xavier Pombo. Lutou desesperadamente para que a sua idéia não ficasse no tinteiro. Influuiu decisivamente para que oficiais e praças o auxiliassem na tarefa hercúlea. E o seu apêlo foi atendido: oficiais cooperaram decisivamente, por ação física e financeira, embora soubessem que a Vila Militar não os beneficiaria diretamente, pois as casas são para sargentos, cabos e soldados.

Entregues as primeiras 20 casas

Desde agosto do ano p. findo contam os elementos da Vila Militar, situada no alto Pilarzinho, com as primeiras 20 casas, que foram entregues aos milicianos mais necessitados, com maior número de dependentes. Autoridades estiveram presentes. Houve vibração civico-social, pe'la magnífica obra do cel Pombo. Todo o mundo o felicitou e o encorajou a prosseguir. O governador do estado, entusiasmado com o empreendimento, passou a ajudar mais ainda. Periódicamente (pelo

menos 4 por mês) mais casas são entregues aos milicianos do cel Pombo. Este, prevenindo um futuro desvirtuamente de sua idéia, transformou a VM em Associação, para a qual os associados contribuem com 200 cruzeiros mensais.

Ao grande miliciano, companheiro de milicianas jornadas, os cumprimentos de "NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS" e o seu estímulo para prosseguir. Prossiga mesmo, cel Pombo!

PERNAMBUCO

CLUBE DOS OFICIAIS COM NOVA DIRETORIA.

Desde fevereiro último o Clube dos Oficiais da Polícia Militar conta com nova Diretoria, assim constituída: presidente, major Manoel Acácio Leite (reconduzido pela 5.ª vez); vice, cap Antonio Barbosa de Lucena; 1.º sec ten José Elidio de Queiroz; 2.º secr. ten Bartolomeu Bandeira de Souza; tesoureiro, cap Domingos Siqueira Campos; vice-tesoureiro, ten Severino Ramos de Oliveira; comissão fiscal: major-dent Roberto von Shosten, dr. Paulo de Almeida Amazonas e ten Geraldo Pereira de Lima.

Dinamização do Clube

Decidiu, a Diretoria empossada neste ano, marcar a sua administração através de profunda ação social e recreativa. Visando a obter meios para construir monumental sede campestre, a entidade contratou a publicidade de uma agência especializada e levou a efeito sorteios, com a distribuição de seis automóveis ao público. Os próprios oficiais controlaram a organização dos sorteios e a venda dos cartões.

POLÍCIA RODOVIÁRIA COM NOVO COMANDANTE

Em ato simples, presidido pelo engenheiro diretor do DER, tomou posse no cargo de comandante da Polícia Rodoviária Estadual, o cap Francisco Sobreira de Moura Neto, em substituição ao ten João Bezerra.

RIO DE JANEIRO

P M RECEBE C B COM FESTAS

Antecipando-se aos atos oficiais de transferência do Corpo de Bombeiros para o Estado, o Clube dos Oficiais e o Comando da Polícia Militar promoveram, em fevereiro último, uma festa em homenagem aos componentes da corporação municipal e conferiram aos seus oficiais, títulos de sócios da agremiação que congrega a oficialidade da Polícia Militar.

Com a evocação da história do Corpo de Bombeiros de Niterói, que antes já esteve integrado na Corporação Estadual.

DIPLOMAS

Os oito oficiais do Corpo de Bombeiros que compareceram à festa acompanhados de suas famílias, receberam da oficialidade da PM, os títulos de sócios do "Clube dos Oficiais da Polícia Militar". O comandante do CBN, major Athayde Cordeiro de Oliveira recebeu o seu diploma das mãos do comandante da PM, coronel João Evangelista Mendes da Rocha.

Após a solenidade, o major Onivaldo Paiva, da PM, promoveu a confraternização das Bandas da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, que apresentaram números de homenagens recíprocas.

TRANSFERÊNCIA

A transferência do Corpo de Bombeiros para o Estado depende apenas de aprovação do convênio de manutenção a ser firmado entre o Estado e a Prefeitura, o que deverá ser feito pela Câmara Municipal.

O Comandante do Corpo de Bombeiros, major Athayde de Oliveira, informou que tão logo seja feita a transferência, apresentará relatório ao governador, apresentando o plano de recuperação da unidade até agora sob seu comando. Esclareceu que os futuros oficiais-bombeiros serão formados pela própria Polícia Militar e não pelo Corpo de Bombeiros da Guanabara, como chegou a ser noticiado.

BATALHÃO EM BARRA DO PIRAI

Foi instalado, no dia 10 de março último, em Barra do Piraí, um Batalhão da Polícia Militar, com 70 homens na sede e uma Cia. em Três Rios, que se responsabilizarão pelo policiamento ostensivo e de choque na região sul do território fluminense. A nova unidade contará com 6 oficiais sob o comando do major Anivaldo Paiva.

NOVA TABELA DE VENCIMENTOS

Desde janeiro de 1964, os oficiais e praças da PM RJ, farão jus à seguinte tabela de vencimentos:-

Coronel, 108.000,00; tenente coronel, 101.000,00; major, 94.000,00; capitão, 86.000,00; 1.º ten., 79.000,00; 2.º ten., 73.000,00; aspirante, 65.000,00; subtenente, 65.000,00; 1.º sargento, 60.000,00; 2.º sargento, 55.000,00; 3.º sargento, 50.000,00; cabo 45.000,00;

soldado, 40.000,00; aluno do 3.º ano, 50.000,00; aluno do 2.º ano, 45.000,00; aluno do 1.º ano, 40.000,00.

Eis quanto perceberá um 2.º ten. mensalmente, a partir de janeiro de 1964, sem gratificação por tempo de serviço, ou de função, isto é, um oriundo da ESFO, com três anos e meio de praça:

Vencimentos, 73.000,00; gratificação militar (50%), 36.500,00; risco de vida (30%) 21.900,00; total, ... 131.400,00

O mesmo, com referência a um soldado, com três anos de serviço:-

Vencimentos, 40.000,00; gratificação militar (35%), 14.000,00; risco de vida (30%), 12.000,00; etapas (300 diárias), 9.000,00; total 75.000,00.

Neste ano, a Polícia Militar passou a ter também o soldado *estagiário*. Este novo componente da milícia fluminense, durante o primeiro ano de praça, não terá direito à percepção de gratificação militar nem da de risco de vida.

RIO GRANDE DO NORTE GOVERNADOR QUER COMPLEMENTAÇÃO

O governador Aluisio Alves telegrafou ao presidente da República pedindo seja adotada para as Polícias Militares a mesma orientação dada para a magistratura, no sentido de complementação dos vencimentos. Alega o governador potiguar que os baixos salários e a difícil situação financeira dos Estados pobres não permitem pagar vencimentos dignos às suas PP MM, justificando o fato com os recentes levantes das milícias potiguar e piauiense.

Leia no próximo

número de MILITIA

*Oficiais de 14 Estados
reuniram-se em São Paulo:
lei básica e tolcore
na nova sede do COFPESP*

RIO GRANDE DO SUL

BRIGADA JÁ TEM BANCO

Contrôle acionário de Brigadianos

Um órgão financeiro para os servidores da ativa e inativos da Brigada Militar a "Centaurus S/A — Crédito, Financiamento e Investimento" — foi inaugurado em 23 de março último, em Porto Alegre (Rua dos Andradas, 812 — 2.º andar). A organização teve origem no desejo do cel Otávio Frota, de dotar a milícia de uma instituição destinada a garantir aos seus comandados, na qualidade de comandante geral e assistente social, melhor alcance financeiro para aquisição de bens próprios e independência nas próprias questões de dinheiro. Tendo nomeado uma comissão para estudar as possibilidades desse organismo, sob a presidência do cel Silanus Monteiro Sef-

rin, o trabalho frutificou, obtendo, o próprio comandante Frota e a Brigada Militar mais uma vitória quando o cel Orlando Pacheco, chefe da Casa Militar do Palácio Piratini, representando o gov. Ildo Meneghetti, cortava a fita simbólica em presença de outras autoridades estaduais e municipais, comandantes de Unidades, chefes de Serviços e titulares de Diretorias da BM. Compareceram ao ato ainda oficiais e praças da ativa e inativos, em sua grande maioria já cotistas do financeiro.

SERGIPE

COMEMORANDO O 21 DE ABRIL

Com um programa de festividades em seu quartel, a Polícia Militar comemorou a data consagrada às Polícias Militares dos Estados.

Deserção: crime sem pena

TEN. CEL. OLAVO A. DE ANDRADE

A deserção constitui crime militar formal, punido com as penas previstas nos arts. 163 e seguintes do Código Penal Militar, cuja aplicação na Fôrça Pública está determinada pelo decreto estadual 13 997, de 23-V-1944.

Para a execução do Código Penal Militar, lei substantiva, há o Código de Justiça Militar, lei adjetiva, aplicada na Fôrça Pública, por fôrça do decreto estadual 9 845, de 22-XII-1938. Esse código prevê o processamento da deserção nos arts. 261 e seguintes, distinguindo três conselhos de justiça: a) conselho especial de justiça, destinado ao julgamento de oficiais (art. 12); b) conselho permanente de justiça, destinado ao julgamento de praças (art. 13); c) conselho de justiça dos Corpos de Tropa, Serviços e Estabelecimentos, destinados ao julgamento dos desertores e in-submissos (art. 18).

Antes do advento da lei estadual n.º 5 048, de 22 de dezembro de 1958, a deserção vinha sendo legalmente julgada pelo conselho permanente de justiça, se se tratasse de praça, ou pelo conselho especial de justiça, se se tratasse do oficial, de conformidade com a lei 2 856, de 8-I-1937, alterada pelas leis 73, de 21-II-1948, 2 499, de 5-I-1954 e 2 939, de 28-XII-1954.

Todavia a lei 5 048 expressamente dispôs:

Art. 71 — Ao Conselho de Justiça compete:

I — processar, a partir do recebimento das denúncias, os delitos previstos na legislação militar, com execução dos atribuídos à competência privativa do Tribunal de Justiça Militar e dos crimes de deserção.

Essa lei regulou, com excesso de minúcias, as atribuições de todos os órgãos da Justiça Militar estadual e não deu competência a nenhum deles para julgamento dos desertores.

Ao contrário, proibiu, expressamente, que o único conselho instituído julgue o desertor. Essa anomalia decorre de ter-se o legislador inspirado no Código de Justiça Militar, transcrevendo, quase literalmente, apenas os dispositivos pertinentes aos conselhos de justiça permanente e especial, sem antes enumerá-los e prever sua composição, como ocorreu no Código de Justiça Militar (art. 12 e seguintes). O Código de Justiça Militar, deliberadamente, excluiu o julgamento do crime de deserção da competência dos conselhos de justiça, permanente ou especial, porque previu a existência do conselho de justiça dos Corpos, Serviços e Estabelecimentos, constituído por um capitão e dois oficiais subalternos, para julgamento dos desertores e insubmissos.

Mas, a lei estadual 5 048 não admitiu a existência dos conselhos de justiça nos Corpos de Tropa e, taxativamente, proibiu que o conselho instituído pelos arts. 71 e seguintes julgue o desertor.

Diante de tanta evidência, não é possível negar-se que a deserção, na Força Pública, é crime sem pena, isto é, a deserção não pode ser julgada por falta de órgão ou autoridade competente para isso. Se a Justiça Militar julgar o desertor, o julgamento poderá ser anulado no Supremo Tribunal Federal, através do instituto do «habeas corpus».

Urge, pois, seja remetida à Assembléa Legislativa do Estado, mensagem criando nos Corpos de Tropa, Serviços e Estabelecimentos, conselho de justiça com competência para julgar os desertores, como ocorre no Exército, sob pena de a autoridade militar ser fraquejada com a impunidade da deserção.

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

Direção do ten. cel. Francisco A. Bianco Junior



FP campeã das equipes nacionais na S. Silvestre

Entre campeões de pedestrianismo de todo o mundo, os atletas da milícia bandeirante conquistaram para a FP o primeiro lugar entre as equipes brasileiras que disputaram a XXXIX corrida de São Silvestre, realizada em São Paulo nos últimos momentos de 1963. O melhor classificado foi o sd. Luís Fernando Caetano, da Escola de Educação Física, em 8.º lugar. Pouco depois colocou-se o sd. Benedito Firmino do Amaral, também da Escola. Os dois atletas fôram o 2.º e o 3.º do Brasil. Entre as equipes militares, há vários anos, a corporação vem mantendo o primeiro lugar. Só a Argentina, com seus atletas muito bem preparados, impediu o título de campeã absoluta da São Silvestre para a equipe miliciana. Ao todo, 29 atletas estrangeiros, entre os melhores do mundo, atuaram naquela prova.

Preparo técnico

Um plano previamente estabelecido garantiu a necessária assistência técnica, médica, material e moral aos atletas. O adestramento físico se desenvolveu gradativamente, doado de acôrdo com as exigências do trabalho solicitado.

Como fator psicológico preponderante, os componentes da equipe fôram colocados inteiramente à vontade e livres de embaraços de tôda ordem. A colaboração integral e per-

manente da oficialidade da Escola de Educação Física estimulou-os, garantindo o maior esforço possível. O cap. médico Plirts Nebó, com o apoio do cel. Delfim Cerqueira Neves, chefe da Casa Militar do govêrno do Estado, forneceu o necessário para o regime alimentar dos corredores, com abundância de proteínas, vitaminas e glicose. O treinador foi o ten. Jóbio Miranda, auxiliado pelo veterano atleta Laudionor Rodrigues da Silva.

Os atletas

Fôram os seguintes os atletas milicianos, com as respectivas classificações:

- 8.º — sd. Luís Fernando Caetano — EEF
- 10.º — sd. Benedito Firmino do Amaral — EEF
- 31.º — sd. Orides Alves — 5.º BP
- 42.º — cabo Luís Gonzaga Rodrigues — EEF
- 43.º — sd. Aldonor Pereira da Silva — EEF

- 47.º — sd. Valdir Batista do Nascimento — 8.º BP
- 196.º — sd. Valdemar Dantas de Souza — EEF
- 197.º — sd. Norival Divino — EEF.

Classificações das equipas brasileiras

- 1.º — Fôrça Pública do Estado de São Paulo
- 2.º — São Paulo FC
- 3.º — S C Corinthians Paulista
- 4.º — Goiana A C

RECORDE NO EXTERIOR

Após a vitória da São Silvestre, o primeiro colocado da corporação, sd. Luís Fernando Caetano, já recordista dos 5 000 metros (recorde batido em São Paulo), com o tempo de 14' 59" 5/10, foi ao Uruguai e quebrou o próprio recorde, na corrida de Las Playas, em Montevidéu. Caetano reduziu aquela marca em 3 segundos, estabelecendo o tempo de 14' 56" 5/10.

Cel. Pedro Dias tem busto na EEF

De há muito que a nossa tradicional Escola de Educação Física deveria ter inaugurado o busto do ínclito cel. Pedro Dias de Campos. Homem extraordinário, a quem nossa corporação deve uma soma enorme de serviços prestados, foi o cel. Pedro Dias de Campos um dos precursores da educação física no Brasil, notadamente na Fôrça Pública, quando em todos os setores esteve presente, com a sua valiosíssima contribuição. Foi o cel. Pedro Dias o introdutor da esgrima em nosso meio e um dos seus precursores no Brasil.

Sem dúvida, sempre lembrado por todos nós, faltava porém a sua perpetuação em bronze, para exemplo das gerações futuras. Propusemo-nos à efetivação dessa iniciativa e encontramos o apoio integral de sua família. Contando com a contribuição do sr. Enzo Silveira, amigo da nossa Escola, obtivemos o espontâneo auxílio do Sr. Valdomiro Figlioli, seu genro, que fez questão de doar o busto em bronze.



A filha do homenageado, o comendador Valdomiro Figlioli e o major Bianco ouvem a alocação do prof. Enzo Silveira.

À solenidade histórica compareceram, representantes das mais ilustres e tradicionais entidades de São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Sociedade Geográfica Brasileira, Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística, Sociedade Amigos da Cidade de São Paulo, Benemerita Ordem dos Cavaleiros da Concórdia, Sociedade Veteranos de 32 — MMDC etc., além de inúmeros representantes de federações desportivas e clubes, bem como da imprensa, do rádio e da televisão, num preito de homenagem respeitosa a quem, em todos os setores do nosso Estado, sempre esteve presente, com o seu trabalho, com a sua cultura e com o seu idealismo. O gen. de div. João Franco Pontes, comandante geral da FP, esteve presente, juntamente com numerosos comandantes de unidades.

Usaram a palavra, primeiramente, falando em nome da Escola de Educação Física, o cel. Esdras de Oliveira, antigo comandante e sempre amigo da mesma, historiando a vida daquele que foi um dos maiores vultos da milícia. Em seguida fez uso da palavra o sr. Enzo Silveira, presidente da Soc. Brasileira de Heráldica e Medalhística, em improviso sobre a solenidade. Ao final de seu discurso, fez entrega ao comandante da Escola, major Francisco A. Bianco Jr. da medalha cultural JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA. Seguiram-se ainda outros oradores. Na ocasião, o comandante do estabelecimento entregou ao maj. Eurico José Cola a medalha do Cinquentenário da Escola. Foi digno de nota a presença do cel. Luís Tenório de Brito, representante do Inst. Histórico e Geográfico de São Paulo e seu secretário, que era na ocasião o único representante dos primeiros componentes a nossa tradicional Escola. Esteve presente ainda o sr Valdomiro Figlioli, a quem foi dada a honra de descerrar o busto inaugurado.

O busto daquele que foi o precursor da educação física na Força Pública encontra-se agora no saguão da Escola, inspirando as gerações vindouras. E nós, cumprimos com a nossa promessa

Cavalarianos campeões

A equipe de praças do Regimento de Cavalaria «9 de Julho» sagrou-se campeã de futebol da Força Pública em 1963, conquistando o título em pelega decisiva contra os ex-campeões, representantes do 12.º Batalhão Policial. Invictos durante todo o campeonato, os craques da arma ligeira iniciaram a partida final demonstrando nítida superioridade sobre o onze adversá-

rio e terminaram o primeiro tempo vencendo por um tento a zero. Na fase complementar, o placar foi dilatado para 2 a zero. Mas o 12.º BP reagiu e, já nos minutos finais, depois de mais um gol do Regimento, logrou igualar a contagem, com 3 tentos no marcador. Assim, os campeões de 1962 perderam o centro com 2 pontos perdidos, contra um do RC.



Feola e Pietrobon

O técnico campeão mundial Vicente Feola esteve presente e hasteou a bandeira nacional antes da pugna. O conhecido juiz Anacleto Pietrobon atuou na contenda, sendo elogiado por todos. Ambos foram homenageados pela Força Pública, pelos serviços prestados ao esporte nacional.

Após a homenagem, teve início a partida preliminar, entre as seleções do 13.º BP de Araraquara e

do 7.º B.P. de Sorocaba, vencendo a primeira por 2 a 1.

O quadro campeão formou com: Sebastião; Natalino, Joel e Armando; Benedito e Joaquim; Laércio, Cilas, Edison (Aparecido), Paulo e Odair. Pelo 12.º BP, jogaram: Ilson; Amorim, Eli e Garrincha; Mariano e Sérgio; Edgar, Dilson, Luís, Ismael, (Marques), Mazzili e Cabeção. Marcadores: RC — Laércio, Odair e Joaquim (penal); 12.º BP — Ismael, Cabeção e Marques.



Esméralda é madrinha

Os campeões, felizes, precisavam ter madrinha. Uma que estivesse à altura das tradições da arma ligeira. De pronto, surgiu um nome, aclamado por unanimidade: Esméralda Nunes (foto). Habituada a ser eleita rainha de uma entidade, princesa de outra, «miss» escolhida por um vespertino paulistano, não deixou, porém, de manifestar sua alegria ao saber da notícia e, gentilmente, colocou a faixa de campeão no artilheiro da equipe — Laércio Tedesco. A esposa do comandante do RC, sra. Adauto Fernandes de Andrade, fez o mesmo em relação ao capitão do onze vencedor — sd. Joaquim Gonçalves.

Publicações recebidas

«FUGAS» — de Rui Afrânio Peixoto, Nova Iguaçu, RJ
32 páginas em pequeno volume de 6 x 8 cm, com poesia em prosa, de sabor intimista. «Tudo me foi negado — lamenta-se o autor —, mesmo o sofrimento». Mas, logo adiante, um «Noturno» mais otimista: «Que importam as traições na terra? Continuam cintilando as estrelas!». Em «Confessionário, protesta; «Por que volto, senhor, se volto sempre para não voltar?».

Em seu otimismo pessimista, há pinceladas à Omar Kayam: «Este cão que te lambe as chagas, mendigo, foi o mesmo que açoitaste, opulento!». E a ironia docemente maliciosa de «Romance»: «Ele, como uma pedra afagada pela corrente... Ela, como a corrente que afagava tantas pedras...»

O livrinho agradará a uns; a outros, não. Mas sua leitura dá ao leitor um momento de poesia.

«REVISTA DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO» — n.º 14, de janeiro de 1964. Diretores: maj. Ademar Guilherme, cap. Wilson Saralva Wermelinger e cap. Manoel de Sousa Carvalho.

«DEFESA SOCIAL» — n.º 584 de Abril de 63. — órgão informativo da Cooperativa Militar Editora e de cultura intelectual, Diretores: gen. Altair Franco Ferreira, ten-cel. José de Sá Martins e ten-cel. João Capistrano Martins Ribeiro. «REVISTA CARABINEROS DEL CLU-LE» — n.º 99 — julho de 1963, publicação bimestral dos carabineiros do Chile. Diretores: cel. Oscar Cristi Gallo e cap. René Peri Fugerstron.

«FUEZAS ARMADAS», — n.º 196-198, de outubro e dezembro de 1963 — Caracas. Órgãos do Ministério da Defesa da Venezuela.

«P.M. II OLIMPIADAS DAS POLÍCIAS MILITARES DO BRASIL» — congresso realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais. Diretores: ten-cel. Milton Campos e cap. Ari Braz Lopez.

«AÉRO MAGAZINE», n.ºs 55-56-57, janeiro, fevereiro e março, de 1964 — órgão oficial da Fundação Santos Dumont. Diretores: Jaime Valez e Romeu Corsini.

«ILUSTRAÇÃO — NOSSA ESTRADA», n.ºs 305 e 306, de novembro e dezembro de 1963 — mensário de cultura ferroviária. Diretores: dir. superintendente — Honorival dos Santos; dir. Rel. Pub. — Naime Mussamara; dir-gerente — Sílvio Frezza.

«ESSEPEVE», n.º 68 e 70, de janeiro a março de 1963 — revista do Serviço de Proteção ao Vão, da Diretoria de Rotas Aéreas. Diretores: Honório Pinto Pereira de Magalhães Neto e José Fernando Chistelo.

«REVISTA ALVORADA», n.º 1, de janeiro de 1963 — órgão do Clube dos Oficiais da Polícia Militar do Estado da Bahia. Diretores: ten-cel. — Edson Franklin de Queirós, cel. Tercon Rodrigues Nogueira e cap. Otto Freitas Agular.

«C.U.P.» revista da Corporacion Venezolana del Petroleo, órgão venezuelano.

«CENTAURO», n.º 2, de outubro de 1963 — órgão oficial da Difusão da Sociedade Acadêmica, do curso de Formação de Oficiais do Rio Grande do Sul. Diretores: cadetes Doralício Siqueira Filho, Antonio C.N. de Azevedo e Clovis Reis da Silva.

Destaques da FP

Capital: mais de 7000 ocorrências em cada mês

Nos últimos meses, a média mensal de ocorrência atendidas pela Força Pública, só na capital de São Paulo, foi superior a 7000. Só em janeiro último, o total de ocorrências ascendeu a 7767, nas diversas circunscrições. O maior número registrou-se na área afeta à 30.a CP — Vila Gomes Cardim — com 1587 ocorrências atendidas. O último lugar coube à 12.a CP (Pari) com um total de 119. O policiamento é feito ininterruptamente, com milicianos a pé, a cavalo e em viaturas de rádio-patrolha.

Mais ocorrências: bombeiros

Depois de prolongada seca e inúmeros incêndios, começaram as inundações em todo o Estado de São Paulo, o que fez aumentar grandemente o número de chamados para os bombeiros. Em 12 de fevereiro, havia centenas de caminhões bloqueados pelas enchurradas e pontes destruídas na região da Alta Paulista e da Alta Sorocabana. Na mesma data, na capital, o corpo de Bombeiros teve que atender a vários casos de desabamento e inundação.

Piracicaba quer batalhão

Há tempos, o Conselho Coordenador das Entidades de Piracicaba pleiteia a criação de um batalhão da Força Pública naquela cidade. Em recente ofício ao governador do Estado, aquela organização salienta o trabalho "desenvolvido por autoridades competentes no sentido de ser instalado nesta cidade, um batalhão da Força Pública do Estado." Frisa o signatário a necessidade de desmembrar a região servida pelo 8.º BP de Campinas. Piracicaba é sede de uma companhia daquela unidade e de uma delegacia regional de polícia, responsáveis pelo policiamento em mais de 20 municípios.

Escolta de oficiais

Um detento que é o próprio advogado, recentemente acusado de falsificação de alvará de soltura, que teria dado margem a rumoroso caso de fuga! deveria prestar depoimento perante a autoridade policial, no último dia 8 de fevereiro, mas não o fez. Motivo alegou dificuldade de transporte até o Palácio da Polícia e sua condição de advogado. Uma escolta de três soldados compareceu para conduzi-lo, mas ele invocou o direito de ser escoltado por oficiais. O depoimento foi adiado, com a devida autorização do corregedor permanente dos Presídios e da Polícia Judiciária da capital.

CENTRO DOS CABOS E SOLDADOS DA F P : EMPOSSADA NOVA DIRETORIA

Foi empossada a diretoria do Centro Social dos Cabos e Soldados, para o biênio 64-65, em sessão solene realizada nos salões da Associação Armênia de São Paulo, à av. Santos Dumont.

Prestigiando o ato solene, estiveram presentes as seguintes autoridades civis e militares: cel. José Vilela Santos, chefe do Estado Maior, representando o comando geral da Força Pública; prof. Reinaldo Saldanha da Gama, comandante da Guarda Civil; 1.º ten. Edil Daubian Ferreira, da Casa Militar do governador; capitão Teodoro Cabette, comandante da D. P. M.; cel. Osvaldo Feliciano dos Santos, vice-presidente do Centro Social dos Oficiais da F.P., deputado Derville Alegretti, líder das pequenas bancadas na Câmara Federal; vereador Luís Gonzaga Pereira, presidente do C.S. dos Guardas Civis; cabo Eduardo Moreira, presidente da Casa dos Cabos da Aeronáutica; inspetor Carlos Gomes Machado, representante do Centro Social dos Inspectores da Guarda Civil; Ricardo Justine Leite, presidente do Centro Social dos Sargentos da F.P.; sr. Jorge Vieira de Barros, representante da Associação dos Funcionários Civis do Ministério da Aeronáutica; sargento José Francisco de Almeida, representante do cassino dos

sub-oficiais e sargentos do parque da Aeronáutica; sgt. Mário Bitencourt, presidente da casa do Sargento; sr. Temistócles Pereira dos Santos, presidente do Centro Social dos Classes Distintas da Guarda Civil; vereadores Mario Ozassa e Fausto Tomás de Lima; e inspetor Alfredo Mainard, presidente do Centro Social dos Inativos da Guarda Civil, além de várias centenas de milicianos e suas famílias.

A POSSE

Instalados os trabalhos, o presidente das eleições do CSCS, sd. Osório de Oliveira Campos Filho, fez a chamada dos diretores eleitos, para a assinatura do livro de posse e aplauso do público presente. Cada um dos eleitos recebeu de autoridades que compunham a mesa pequena flâmula de lapela, identificando-o como diretor. Encerrado o ato de posse, vários oradores fizeram uso da palavra. O presidente reeleito Ovíasil Wernek, em seu discurso, fez pormenorizado relato das atividades do Centro, destacando as lutas da entidade por melhores condições de vida para os 1660 associados.

Ao encerrar sua oração, fez caloroso apelo às autoridades presentes, para a campanha que empolga todos os soldados, cabos e sargentos do Brasil, e que visa permitir que os mesmos votem e possam ser votados. A seguir, um coral executou várias músicas e um coquetel foi oferecido aos presentes.

ANIVERSARIO DO HOSPITAL MILITAR DA F.P.

O Hospital Militar da Força Pública comemorou o transcorrer dos seus setenta e um anos de atividades e existência. Extenso programa comemorativo foi cumprido, iniciando-se com o hasteamento do pavilhão nacional. A seguir foi rezada missa em ação de graças na Capelania Militar, oficializada pelo capelão Paulo Aurisol Cavalheiro Freire. Findo êsse ato, iniciou-se a terceira parte do programa, com a entrega de certificados aos 34 novos sargentos auxiliares de saúde, que concluíram o curso de enfermeiros, auxiliares de odontologia e manipuladores de farmácia.

Estavam presentes ao ato o gen. João Franco Pontes, comandante geral da milícia; o cel. médico José Guarnieri Filho, diretor do H.M.; o cel. dentista José Fraguetti Paulucci, chefe do Serviço Odontológico; o major-médico Nacib Simão Matuk, diretor de instrução; e o radialista Vicente Leporaci, paraninfo da turma, bem como outras autoridades, além de pessoas da família dos formandos. A entrega dos certificados e medalhas «Valor Militar» foi efetuada no auditório «Major Antão», no Batalhão de Guardas, sendo seguida de um coquetel aos presentes.

AINDA O CARNAVAL

A família miliciana teve seu carnavalzinho doméstico, no Clube dos Oficiais e no Centro Social dos Sargentos. Mas, acima de tudo, teve muito trabalho, pois foliões de todo o Estado estiveram em ação durante os quatro dias de Momo.

Vila Esperança, bairro paulistano que já tem tradição pelo seu carnaval de rua, precisou de nossos soldados garantido a ordem para que o povo se divertisse. O mesmo aconteceu em outros bairros, como em municípios interioranos. Nos folguedos praianos de Santos e arredores, a farda chumbo do soldado anônimo esteve presente. Em suma, a animação ainda existente no carnaval paulista, na rua e nos salões, foi possível e todos puderam brincar porque a FP trabalhou.

Mas nem todos os paulistas são foliões. Ao contrário, só da capital fugiram mais de 500 mil pessoas e não se sabe quantos preferiram ficar em casa. Mais trabalho para os policiais militares. Meios de transporte super-lotados, estação rodoviária e pontos de embarque com movimento desusado — tudo trouxe mais obrigações para os milicianos.

Depois, vieram as cinzas, o descanso dos foliões, a volta ao trabalho normal. O miliciano obscuro continuou a velar pela tranqüilidade pública.

União quer para si Polícia Marítima e Aérea

Recente decreto do presidente da República modifica o regulamento das Polícias Marítimas, Aéreas e de Fronteiras. Em consequência, fica extinta a Polícia Marítima e Aérea de São Paulo. Prevê-se a transferência de seu quadro para a Força Pública. E já há mesmo quem fale na criação de mais uma unidade de nossa milícia: o Batalhão Naval.

Competência da União

Como se sabe, o governo federal avocou a si a competência daquele serviço. A esse respeito, afirmou o gen. Adélvio Barbosa de Lemos, secretário da Segurança Pública: «Compete à União, nos tēr-

mos da Constituição Federal, superintender em todo o território nacional os serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras». Mencionou ainda lei federal que permite convênio com os Estados, para sua execução pelos órgãos locais.

— «Com a observância dessas normas — acrescentou s. exa. — foi firmado convênio entre o Estado de São Paulo e a União, para a execução dos serviços pertinentes, o qual entretanto, não foi aprovado pelo Congresso Nacional. Por isso, a União poderá, em qualquer tempo, no uso de sua competência, avocar a si esse serviço, executando-o diretamente».

Enquanto isso...

O decreto existe. Falta a execução. Deverão ser criadas Delegacias Regionais daqueles serviços, agora federais. Mas, por enquanto, a atual Polícia Marítima de São Paulo deverá continuar funcionando. Da mesma forma, a Delegacia de Estrangeiros, também afetada pela medida.

— «A Polícia Marítima e a Delegacia de Estrangeiros — diz o titular da Segurança — continuarão a executar seus misteres até que o governo federal comunique oficialmente que está em condições de assumir a responsabilidade». E esclarece que, suspensos abruptamente,

acarretariam prejuízos incalculáveis. Quanto à Delegacia de Estrangeiros, informa que, com seu fichário, «único existente no país, tem prestado excelentes serviços ao Ministério da Justiça e ao Ministério das Relações Exteriores». Saliem ainda os 350 vistos diários que partem daquelas repartições.

Estado aceita lei; intervenção não

A propósito de rumores sobre federalização da Polícia Marítima, s. exa. deixou claro:

— «Aceitamos, por ser de lei, a reorganização da polícia federal, que avoca para si aqueles serviços que vinhamos executando. Esse é um aspecto legal que não discutiremos».

— «Mas — concluiu — jamais aceitaríamos, como se propalou, não só em São Paulo como em Brasília, uma federalização da Polícia Marítima e Aérea, pois seria isso uma intervenção em São Paulo, fato esse que não aceitaríamos».

SÃO PAULO FEZ ANOS

A Força Pública participou ativamente das comemorações do 410.º aniversário de fundação da capital paulista, em 25 de janeiro último. Os festejos começaram com concentração cívica no Pátio do Colégio — local onde nasceu a cidade —, realizando-se em seguida, durante todo o dia, vários atos em locais diversos. Finalmente, às 21 horas, foi encerrada a I Convenção Estadual das Seções dos Ex-Combatentes do Brasil. A tarde, personalidades que prestaram serviços à causa do movimento constitucionalista de 1932 receberam medalhas da Sociedade Veteranos de 32 — MMDC. O comando geral da Força publicou boletim comemorativo em que ressaltou fatos da história paulistana e a participação da milícia na evolução da cidade e do Estado.

A banda da corporação esteve presente desde o início, tocando «Parabéns a Você» até bólo de aniversário, no estádio do São Paulo Futebol Clube.

Novos sargentos

Mais uma turma de sargentos formou-se no dia 31 de janeiro último, em solenidade levada a efeito no quartel do Centro de Formação e Aperfeiçoamento da Força Pública.

Soldados prontos

Para completar os claros existentes no efetivo da corporação, várias unidades da capital e do interior paulista vem formando novas turmas de soldados, depois do período inicial de instrução. Depois da solenidade em que passaram a prontos recrutas do 1.º B.P. «Tobias de Aguiar» e do Serviço de Subsistência, cerimônias idênticas se realizaram no 13.º Batalhão Policial de Araraquara e no Batalhão de Guardas, sediado na capital. Na mesma oportunidade, os novos soldados fizeram diversas demonstrações públicas de ação.

Por aprontar, mas já em ação

Antes mesmo de passar a prontos, mas já em condições de prestar serviços em público, 80 recrutas do 3.º B.P., sediado em Ribeirão Preto, foram lançados no policiamento, em janeiro último. Assim, subiu para 240 o número de milicianos empregados na vigilância da tranqüilidade pública naquela cidade.

Aniversário de unidades

Em janeiro do ano em curso, com formatura de recrutas, desfile e demonstração de tropa de choque, o 1.º B.P. Tobias de Aguiar comemorou seu aniversário de fundação. Aquela unidade participou de vários movimentos armados, desde o Canudos, onde lutou até o assalto ao reduto final, como mostra Euclides da Cunha em «Os Sertões».

A 1.ª Cia. Independente, de Moji das Cruzes, comemorou 22 anos de fundação, no dia 21 do mesmo mês. Aquêles milicianos são responsáveis pela ma-

nutenção da ordem em vários municípios das proximidades de São Paulo.

Sorocaba também festejou o aniversário de um batalhão da milícia — o 7.º RP, lá sediado — que fez anos em 6 de janeiro. Depois de desfile, leitura de boletim, entrega de medalhas e inauguração do retrato do ex-comandante Divo Barsotti, Papai Noel entrou triunfalmente no recinto, para os presentes se servirem de um coquetel e de uma mesa de doces.

Título acadêmico

O comandante geral da milícia paulista, gen. João Franco Pontes, agora, é detentor do título de «Grande Mérito Acadêmico», conferido pelo Centro Acadêmico «22 de Agosto». Foi uma homenagem espontânea dos alunos da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, representados por aquela entidade de universitários.

Cidade Universitária, na capital paulista, 1963. Rpresentantes de tôda a América reúnem-se em conferência do CIES, da OEA. Os governos das 21 repúblicas debatem problemas do continente, na voz de seus delegados. Para manutenção da ordem no local, a Fôrça Pública está presente. O miliciano firme, junto às bandeiras do Novo Mundo, é um símbolo da paz e da tranqüilidade que o mundo procura. O conclave internacional se agita e a sentinela, impassível, está pronta para qualquer eventualidade. Quando um cidadão está em perigo é êle que é chamado. Se turistas ou autoridades estrangeiras se reúnem, é também êle que garante a ordem. Nos momentos de alegria ou de dor, é sempre êle que vela por você, leitor.

Sargento de São Paulo (Casa): novos diretores

Mário Bittencourt, 2.º sargento da FP é o novo presidente da Casa do Sargento de São Paulo, em substituição ao ex-sargento João Pessoa da Fonseca, reformando no posto de 2.º tenente da Força Pública dando seu lugar ao antigo vice. Em consequência, outros membros da diretoria passaram a ocupar os seguintes cargos:

Vice-presidente — Absalon Moreira Luz, 2.º sgt. da FP;

1.º secretário — Ronaldo Macuco Mosca, 3.º sgt. do EB;

2.º secretário — José Burkowski — 1.º sgt. da FAB;

1.º tesoureiro — Rubens Roque Martins, 3.º sgt. do EB;

2.º tesoureiro — Luís Miyabara, 1.º sgt. da FAB;

Presidente do CF — Ricardo João Nunes de Sousa, subtenente do EB;

Secretário — Jader Fernandes de Carvalho, 1.º sgt. da FAB;

Vogal — Ewerton dos Santos Pires, 1.º sgt. da F.P.



Reformulação e simplificação das condições de vida no planeta Terra

ASTRONAUTA ENEMAIS HUM

II

OS NOVOS CARROS AUTOMÓVEIS DE PASSAGEIROS

Antes tratamos da reforma da numeração falada e escrita. O número enorme de cartas de simples congratulações, de incentivo e de adesões, bem como o número enorme de doações em dinheiro, em bens imóveis e valores mobiliários impedem-nos de agradecer individualmente a excepcional acolhida dispensada ao nosso apêlo em benefício da reformulação e simplificação das condições de vida em nosso planeta.

Hoje vamos tratar de uma reforma indispensável no setor da indústria automobilística.

Porcaria de automóvel

Naturalmente, o leitor já prestou atenção no absurdo que são os automóveis, pelo jeito com que são construídos. Só falamos nos automóveis de passageiros, deixando de lado os utilitários, os caminhões, os jipes, tratores, aviões e toda essa fauna que usa motores de explosão.

Por que se utiliza de maneira tão disparatada o óleo, a gasolina e a água? Se eu fôsse fabricante de automóvel, fabricá-los-ia movidos a água, lubrificadas a gasolina e refrigeradas a óleo. Não se ria, não senhor! A água não gira as enormíssimas turbinas da São Paulo Light? Por que não pode mover a porcaria de um automóvel? O leitor já pensou na economia de divisas que representaria para o país o funcionamento das refinarias de petróleo quando passassem a refinar água, água pura a água fontis?

A aqua fontis?

Outra coisa mal feita e que deve receber reforma imediata é a disposição interna do carro. Outro dia dei carona a um velho professor, figura por todos os títulos respeitável como só e acontecer com todos os professores; pois bem, sentou-se êle no banco traseiro, e fui obrigado durante todo o trajeto a manter-me de costas voltadas para êle, um indício de falta do mais elementar principio de educação. Não sabia nem como me desculpar; mas felizmente, sei que é pessoa compreensiva e sentiu que minha grosseria não era minha, mas apenas da maldita disposição dos assentos dos automóveis.

Pois bem, se eu fôsse fabricante de automóveis haveria de construí-los com os bancos da frente voltados para trás, de modo que os passageiros todos se sentassem vis-a-vis como numa sala de visitas e pudessem manter uma alegre conversação frente a frente, podendo inclusive gesticular com liberdade. Nas viagens mais longas seria possível jogar um buraco ou um poquer. O próprio motorista, melhor acomodado não seria, obrigado a ficar olhando sempre para frente como o é agora, pela inconveniente disposição dos assentos.

Por falar em motorista, se eu fôsse fabricante de automóveis faria outra alteração muito grande. A necessidade dela não se evidência muito bem dentro das cidades, mas nas viagens em estradas é notória. Dentro da cidade trabalham mais ou menos equitadamente as mãos e os pés dos motoristas; mas nas longas estradas asfaltadas, só as mãos trabalham; os pés fazem apenas um movimentozinho de ir e vir no acclerador, durante horas a fio. Pois bem, o meu aperfeiçoamento nos automóveis seria êsse: trocar os comandos, de modo que os trabalhos dos pés fôsem executados pelas mãos e o dar mãos pelos pés. Assim, os pés controlariam a direção e fariam as mudanças de marcha, enquanto as mãos ficariam livres para fumar, descascar uma fruta, comer um sanduiche. As mulheres poderiam fazer tricô, crochê, nhanduti, etc...

Proponho por estas ilustres páginas, desde agora, que se inicie uma campanha de âmbito nacional, a fim de obrigar, pela persuasão se possível, se não pela greve pacífica, que os fabricantes de automoveis o mais rapidamente possível providenciem as alterações necessárias em seus veiculos, para pô-los de acôrdo com as necessidades dos passageiros em benefício de seu conforto.

Nossos representantes

Acre (GT)

RIO BRANCO — Q.G. sgt José da Costa Torres

Alagoas (PM)

MACEIÓ — Q.G. Cap Sebastião Ribeiro de Carvalho

SÃO BRAZ — Dest Policial — sgt José Pereira da Silva

Amapá (GT)

MACAPA — sede ten Uladih Charone

Amazonas

MANAUS — Q.G. mj José Silva

Bahia (PM)

SALVADOR — Palácio da Aclamação — maj. Flanklin de Queirós

Corpo Musical de Bombeiros — cap Alvaro Albano de Oliveira

IHEUS — 2.º BC cap. Horton Pereira de Olinda

JUAZEIRO — 3.º BC — Ten. Raulino Queiroz

Ceará (PM)

FORTALEZA — QG 2.º ten Isaque Ferreira Jamebro Rocha

Distrito Federal (DFSP)

BRASÍLIA — mj Paulo Monte Serrat Filho

Espírito Santo (PM)

VITÓRIA — QG ten Floriano Ferreira Batista

Goiás (PM)

GOIANA — maj Hozanah de Araujo Almeida

Guanabara (PM)

GUANABARA — QG cap Luiz Alberto de Souza

RC — ten Erany Alves Brito

6.º BI — ten Ênio Nascimento dos Reis

C Bombeiros — ten Fernando Machado

Maranhão (PM)

SÃO LUIZ — QG cap Euripedes Bezerra

Mato Grosso (PM)

UIABA — Cmdo Geral e 1.º BC ten Camilo Luiz de Amorim

UIABA — Cmdo Geral e 1.º BC ten Pernúfio da C. Leite Filho

CAMPO GRANDE — 2.º BC ten Edgar A. de Figueiredo

PONTA PORÁ — 2.a cia/2.º BC sgt Francisco Romeiro

Pará (PM)

BELEM — QG ten Sinval Corrêa dos Santos

Paraná (PM)

CURITIBA — QG ten Edson Mainguê

Paraíba (PM)

JOÃO PESSOA — QG cap. Sebastião Salustiano Serpa

Pernambuco (PM)

RECIFE — Quartel do Derby maj Olinto E. Ferraz

Piauí (PM)

TERESINA — QG ten Raimundo C. de Vasconcelos

Rio de Janeiro (PM)

NITERÓI — QG cap Ademar Guilherme

Rio Grande do Norte (PM)

NATAL — QG ten José G. Amorin

Rio Grande do Sul (BM)

PORTO ALEGRE — QG cap João Aldo Danesi

LIVRAMENTO — 2.º RP Mont — ten. Alcino Renato Patzinger

PASSO FUNDO — 2.º BP Cap Wilson Assis Ferreira

SANTA MARIA — R P Mont ten Paulo T Chaves Costa

Santa Catarina (PM)

FLORIANÓPOLIS — QG cap José Fernandes

CIA. ESCOLA — Edgard K. Pereira

CANOINHAS — 3.º BMP — ten Sestilio Angelo Fransozi

Sergipe (PM)

ARACAJÚ — QG ten Nívio Matias

São Paulo (FP)

CAPITAL — QG ten Arlindo Picoli

BG ten. Rui Darci Vilela

C Bombeiros cap. Luiz Sebastião Malvásio

 Ag Aux. ten Célio Pereira de Oliveira

 2.a Zona ten. José Lustosa Caribé

 3.a Zona ten. Hélio Barbosa Nunes

R C ten Reinaldo Martins Navarro

CFA ten. Milton Silva Calciolari

E E F ten Nestor Soares Públio

1.º BP ten Camilo Dias dos Anjos

2.º B P ten Alberto Augusto Gaspra — 1.a Cia — 2.º ten Carlos Fernandes

9.º B P ten Francisco Rodrigues

10.º BP cap. Edgard Lara

11.º BP ten Miguel Sétimo Gianóni

12.º BP — ten. Sérgio Pereira

Corpo de Policiamento Rodoviário — ten Irai Messias Carneiro

Presídio Militar — ten Tomaz Marques

Serviço de Saúde — Cap. Raul Ximenes Galvão

S Fundos — cap. Jonas Simões Machado

S Intendência — cap Alvaro Julio P. Altmann

S Transporte e Manutenção — ten Ruy Martinez Galarça

S Subsistência — cap. Aldrovando Sanches

Corpo Musical — subten José Romeu

Caixa Beneficente — cap Osvaldo Luiz Pereira

Cruz Azul — Hospital, Maternidade e Ambulatório — ten Nestor Batista da Silva

Associação das Viúvas e Orfãos de Oficiais e Praças — D. Julieta
Z. Alves de Siqueira

Centro Of. Res. da F.P.S.P. — Cel. Agenor de Almeida Castro

Centro Social dos Subten. e Sgt. — Subten. José Saturnina

Centro Social dos Cabos e Sds. — Sd. Evilásio Barroso Torres

Centro de Estudos do S. Saúde — maj. Silvio Ernesto J. Marino

Ass. dos Rfm. e da Reserva de Rib. Preto e Região — Ten.
Benedito Balbino

C. Acadêmico XV de dezembro — al. of. José Carlos T. Leite

Cooperativa da FP — sgt Benedito Torres Lozano

ARAÇATUBA — 2.a cia/4.º BP ten Paulo Rodrigues

ARARAGUARA — 13.º BP cap. Adalberto Gouveia

BARRETOS — 2.a cia 13.º BP ten Clovis C. Azevedo

BAURÚ — 4.º BP cap Aparecido Amaral Gurgel

CAMPINAS — 8.º BP João José de Brito

CASA BRANCA — 2.a cia/3.º BP ten Helder Garcia Crivelenti

CUBATÃO — Dest/CPR — cap. Euclides Rizzaro

MOGI DAS CRUZES — 1.a cia ind — ten Adelino R. dos Santos
Dest/CPR — ten Chead Abdala

PIRACICABA — 3a cia /8.º BP ten Evandro Martins

RIBEIRÃO PRETO — 3.º BP cap. Wagner P. Menezelo

SANTOS — 6.º BP Cap. Gilberto Tuiuty Vila Nova e ten Paulo
de Toledo Piza

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO — 2a cia Ind cap Alcides Lelles Moreira

SÃO MIGUEL PAULISTA — 1.a Cia 2.o BP — ten Carlos Fernandes

SOROCABA — 7.º BP cap Alvaro Parreiras e ten Antônio Carlos M.
Fernandes

TAUBATÉ — 5.º BP ten. Moacyr Alvarenga de Oliveira

— Pedimos aos cmts de unidades que qualquer divergência nas designações supras nos seja comunicada.

NOVO ENDERÊÇO

Não deixe de nos comunicar o seu novo enderêço — Preencha o cupom abaixo remetendo-o à **MILITIA** — Rua Alfredo Maia n.º 106 — São Paulo.

Nome

Pôsto R.E. Unidade.....

Rua N.º

Cidade Estado

Não escreva carta — Preencha apenas o cupom